

Allan Kardec

O Bom Senso Encarnado

Carlos Bernardo Loureiro

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.

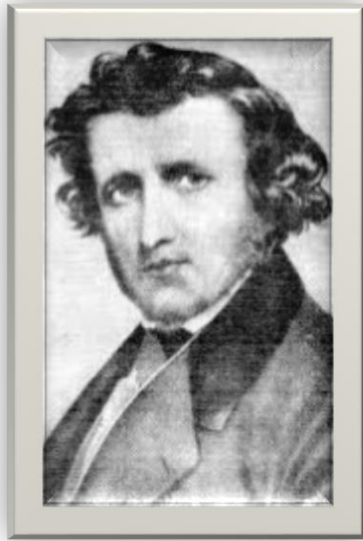


www.ebookespírita.org

Allan Kardec – O Bom Senso Encarnado



Foto do pesquisador
Carlos Bernardo Loureiro



Denizard Hippolyte Léon Rivail

03 de outubro de 1804 – 31 de março de 1869

Sumário

| | |
|--|-----------|
| Introdução | 4 |
| O (Re) Nascimento de Denizard Hippolyte Léon Rivail | 5 |
| O Casamento..... | 9 |
| O Pedagogo..... | 10 |
| As Experiências Paranormais de Denizard Rivail..... | 12 |
| O Mundo Invisível Ambiente | 14 |
| Origem do Nome Allan Kardec..... | 16 |
| O Pseudônimo Allan Kardec, Motivo de Inquirição Judicial | 18 |
| O Espírito Verdade..... | 24 |
| O Espírito de Verdade é uma Falange ou é o Cristo? | 27 |
| O Livro dos Espíritos | 28 |
| Allan Kardec — Entre a Primeira e a Segunda Edições de O Livro Dos Espíritos..... | 32 |

| | |
|---|----|
| La Revue Spirite | 36 |
| A Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas | 38 |
| Como se Realizavam as Reuniões na SPEE | 40 |
| Auto de Fé de Barcelona – 14 de outubro de 1861 | 42 |
| A Codificação | 46 |
| O Livro dos Médiuns | 46 |
| O Evangelho Segundo O Espiritismo | 51 |
| O Espírito Verdade | 53 |
| O Céu e o Inferno | 54 |
| A Gênese | 57 |
| Viagens e Projetos de Allan Kardec | 61 |
| Pierre Paul Didier — Editor de Allan Kardec | 63 |
| A Desencarnação de Allan Kardec | 69 |
| As Disposições da Viúva De Kardec | 74 |
| Instruções do Dr. Antoine Demeure sobre a saúde de Allan Kardec | 75 |
| O Testamento Moral de Allan Kardec | 77 |
| O Dólmen de Kardec | 79 |
| Origem da Sentença “Nascer, Morrer, Renascer Ainda e Progredir Sem Cessar, Tal É A Lei” . | 81 |
| O Cemitério Père-Lachaise — Sua História e seus Mistérios | 83 |
| A Origem do Père-Lachaise | 84 |
| A Origem do Nome | 86 |
| Alexandre Delanne traça o perfil moral de Kardec, no momento em que se inaugura o seu dólmen em 1870 | 87 |
| Conclusão | 92 |

Introdução

Distingue-se nas obras de Allan Kardec, a começar pelo *O Livro dos Espíritos* (1857), a constante sucessão de dois elementos dinâmicos de sua didática: a observação e o ensino. Por isso ele definiu o Espiritismo como “*ciência de observação e doutrina filosófica*. A observação implicava a experimentação, pois sem esta não se completaria. Uma vez observados os fatos de maneira rigorosa e submetidos à comprovação da experiência, esses fatos passavam do conhecido (a realidade concebível) para o campo do desconhecido (a explicação do fenômeno) com a revelação de suas leis específicas e sua natureza, passando a constituir elementos de uma filosofia desprovida do espírito de sistema. Esta necessidade de liberdade para o pensamento, que não devia prender-se às exigências de uma lógica artificial, colocaria a Filosofia Espírita na Vanguarda do movimento filosófico.

Os prejuízos do espírito de sistema, segundo vemos em **O Livro dos Espíritos**, foram-lhe revelados pelos próprios Espíritos em significativa mensagem. Mas essa revelação correspondia precisamente à posição do observador que Kardec assumira. Sem nenhuma intenção preconcebida, sem forçar as conclusões, para não distorcer a verdade procurada, o mesmo tempo do preconceito e da precipitação. Como ensinara 'Descartes, seu precursor na observação livre, na pesquisa desinteressada e nas relações mediúnicas com o Espírito da Verdade.

O próprio Charles Richet (prêmio Nobel de Medicina) reconheceria, no seu **Tratado de Metapsíquica**, na crítica feita a Kardec, a vocação do mestre para a observação rigorosa e a experimentação científica. A aceitação de Richet da hipótese de

participação de Espíritos nos fenômenos chega lentamente, numa batalha consciente da razão com a intuição. E a sua convicção espírita se forma na comprovação metódica da presença de inteligências invisíveis agindo sobre a matéria. Assim, Kardec realiza, com antecipação de mais de um século, e praticamente sozinho, a façanha científica das equipes de pesquisadores da Parapsicologia, que hoje ainda se aturdem com a realidade espiritual que lhes queima as mãos em todo o mundo.

E só depois de convicto, Kardec, solidamente firmado em milhares de provas indestrutíveis, resolve servir-se de sua didática naturalista para ensinar ao mundo assombrado e indignado os princípios da Nova Ciência: a Doutrina Espírita. Mas então nada mais o deterá. Nem os anátemas do clero, nem as críticas dos cientistas, nem as diatribes da imprensa, nem o riso da ignorância ilustrada. O professor ensina e o mundo aprende.

A Educação Cristã se restabelece na Escola da Terra, livre dos prejuízos do espírito de sistema.

O (Re) Nascimento de Denizard Hippolyte Léon Rivail

Lyon, França, 03 de outubro de 1804, (Re) nascia Denizard Hippolyte Léon Rivail, aquele que devia mais tarde adotar o pseudônimo de Allan Kardec. Eis o registro de (re) nascimento do Codificador da Doutrina Espírita:

“Aos 12 do vindimário do ano XIII, auto do nascimento de Denizard Hippolyte Léon Rivail, nascido ontem às 7 horas da noite, filho de Jean Baptiste-Antoine Rivail, magistrado e Jeanne Duhamel, sua esposa, residentes em Lyon, rua Sala, n° 76.

“O sexo da criança foi reconhecido masculino.

“Testemunhas maiores:

“Syriaque-Frederic Dettmat, diretor do estabelecimento das águas minerais da rua Sala, e Jean François Targe, mesma rua Sala, à requisição do médico Pierre Radamel, rua Saint Dominique, n° 78.

“Feita a leitura, as testemunhas assinaram, assim como o maire da região do Meio-dia.

Assinado: Mathiou”.



Rua Sala. Local aproximado em que esteve situada a casa onde nasceu D. L. Rivail, em 1804. A foto é de setembro de 1978



Vista de Lyon (França). Ao fundo: à direita, o rio Saône, e, à esquerda, a Fourvière, numa colina onde fora edificado o foro de Trajano. Cidade fundada em 43 a.C., com o nome Lugdunum. No primeiro plano o Teatro Romano.

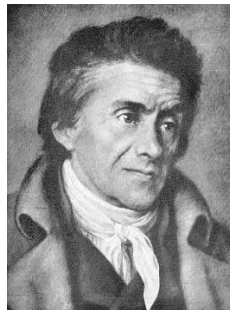


Reconstituição da antiga Lugdunum (hoje Lyon) por Rogatien de Nail.

O futuro Codificador da Doutrina Espírita recebeu, desde o berço, um nome querido e respeitado e todo um passado de honra e de probidade. Muitos de seus antepassados haviam se distinguido no campo do Direito da Magistratura. Era de se esperar que Rivail seguisse os passos de seus ilustres ascendentes; desde cedo, porém, sentiu-se atraído para as Ciências e a Filosofia.

Denizard Rivail fez os seus primeiros estudos em Lyon, completando-os **Yverdun** na Suíça, com o célebre professor **Henri Pestalozzi**, de quem se tornou um dos mais fiéis discípulos e um colaborador inteligente e dedicado. Quando Pestalozzi era chamado pelos governos de vários países para fundar institutos semelhantes ao de Yverdun, confiava a Denizard Rivail a direção do educandário.

Após a conclusão do curso de Bacharel em Letras falando corretamente o alemão, o inglês, o italiano, o espanhol e o holandês, Denizard Rivail fixa residência em Paris (França), onde fundou, na Rua Sèvres, n°- 35 um estabelecimento semelhante ao de Yverdun, o Instituto Técnico. Para a consecução do empreendimento, associara-se a um de seus tios, irmão de sua mãe. Esta escola teve que ser fechada em virtude da malversação que o sócio de Denizard Rivail deu ao capital de giro da empresa, devido a sua paixão pelo jogo.



Pestalozzi



Castelo de Yverdun - entre 1805 e 1825



Sala de Pestalozzi

O Casamento

No mundo das letras que freqüentava em Paris, época em que despontavam as mais expressivas figuras das artes e da Literatura, Denizard Rivail conheceu a senhorita **Amélie Boudet**, professora de 1^a classe, com quem se casou. Eis os termos do registro de seu nascimento:

“Amélie Gabrielle de Lacombe Boudet, filha de Julien-Luis Boudet, proprietário e antigo tabelião, e de Julie Louise Seigneat de Lacombe, nasceu em Thiais (Seine), aos 2 do frimário do ano IV (23 de novembro de 1795)”.

A senhorita Amélie Boudet tinha, mais nove anos que Denizard Rivail, mas na aparência, tinha menos dez que ele, quando, em 06 de fevereiro de 1832, firmou-se em Paris o contrato de casamento de Denizard Hippolyte Léon Rivail, diretor do Instituto Técnico, filho de

Jean-Baptiste Antoine e senhora Jeanne Duhamel, residentes em Château-du-Loir, com Amélie Gabrielle de Lacombe Boudet, filha de Julien Louis Boudet e senhora Julie Louise Seigneat de Lacombe, residente em Paris, rua de Sèvres.



Amélie Gabrielle Lacombe Boudet Rivail

O Pedagogo

Depois da falência do Instituto Técnico, o casal Rivail lançou-se corajosamente ao trabalho. Ele se encarregou da contabilidade de três casas comerciais, que lhe rendiam sete mil francos por ano. À noite, dedicava-se à elaboração de livros destinados ao ensino primário e superior, ao tempo em que traduzia aulas em inglês e alemão e preparava todos os cursos de Levy- Alvaire, freqüentados por discípulos de ambos os sexos do Faubourg Saint- Gemain. Organizou, também, em sua casa, à Rua de Sèvres, cursos gratuitos de Química, Física, Astronomia e Anatomia Comparada.

Por ordem cronológica, eis as obras que publicou:

Plano Apresentado para o Melhoramento da Instrução Pública, (1828); *Curso Prático e Teórico de Aritmética*, (1829); segundo o método de Pestalozzi, em 1831, lançou a *Gramática Francesa Clássica*; em 1846, *Manual dos Exames para Obtenção dos Diplomas de*

Capacidade (soluções racionais das questões e problemas de aritmética e geometria); em 1848 foi publicado o *Compêndio Gramatical de Língua Francesa*; em 1849, Denizard Rivail assume o cargo de professor no Liceu Polimático de Paris, regendo as cadeiras de Fisiologia, Astronomia, Química e Física. Finalmente, edita as seguintes obras: *Ditados Normais dos Exames na Municipalidade na Sorbonne* e *Ditados Especiais Sobre as Dificuldades Ortográficas*.

Tendo essas obras pelo sistema educacional da França, e vendendo-se abundantemente, pôde Denizard Rivail conseguir uma modesta abastança. Seu nome tornou-se conhecido e respeitado e seus trabalhos justamente apreciados.

Eis os Diplomas e Títulos principais obtidos por Denizard Rivail, na sua carreira de professor:

Diploma de fundador da Sociedade de Previsão dos Diretores de Colégios e Internatos de Paris (1829);

Diploma da Sociedade de Instrução Elementar (1847);

Diploma do Instituto Lingüístico, fundado em 1837;

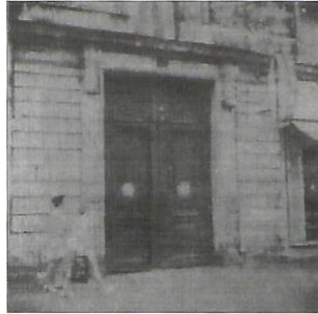
Diploma da Sociedade de Ciências Naturais da França (1835);

Diploma da Sociedade de Educação Nacional;

Diploma da Sociedade gramatical, fundada em 1807 na cidade de Paris;

Medalha de Ouro (1º Prêmio conferido pela Sociedade Real de Arras em concurso realizado em 1831 sobre Educação e Ensino).

Denizard Rivail não foi um “reles caixeiro viajante”, como lhe clamaram, mas uma verdadeira sumidade que honrou a França, antes de erguer o grandioso monumento espírita conhecido por **Codificação Kardequiana**.



Rua de Sèvres, 35 (Paris). Há hoje no local, um moderno edifício comercial.

As Experiências Paranormais de Denizard Rivail

Prosseguisse em sua tarefa pedagógica, o Denizard Rivail teria condições de viver honradamente e tranqüilo. Contudo, a sua missão o atraiu a uma obra que já lhe estava reservada. Foi em 1854 que Denizard Rivail ouviu falar, pela primeira vez, em mesas girantes. A princípio, pelo Sr. Fortier, magnetizador, com o qual mantinha relações, em virtude dos seus estudos sobre o magnetismo. O Sr. Fortier lhe disse um dia:

“— Eis aqui uma coisa que é bem extraordinária: não somente se faz girar uma mesa, magnetizando-a., mas faz-se-á falar. Interroga-a e ela responde³’.

“ — Isso é uma outra questão — replicou Denizard Rivail — eu acreditarei quando vir e quando me provarem que uma mesa tem cérebro para pensar, nervos para sentir e que possa tornar-se sonâmbula... Até lá, permita que eu não veja no caso mais do que um

conto para fazer dormir em pé”.

Em 1855, um seu amigo o Sr. Carlotti, corso, de temperamento ardozo e enérgico, entusiasta de toda idéia nova, falou-lhe, pela primeira vez, na intervenção dos Espíritos no processo de movimentação da mesa. Ainda incrédulo, Denizard Rivail ouviu do Sr. Carlotti:

“— Um dia o senhor será um dos nossos”.

Em maio desse mesmo ano, foi convidado a assistir às sessões que se realizavam em casa da Sra. Plainemaison, ficando impressionado com os fenômenos incipientes a que ali assistiu. Finalmente, participa das sessões na casa da família Baudin, as quais ele assim descreve: “Os médiuns eram as meninas Baudin, que escreviam numa ardósia, com o auxílio de uma cesta chamada carrapeta”. Esse processo, que exige o concurso de duas pessoas, exclui toda a possibilidade de intromissão das idéias do médium. Ai, teve a oportunidade de ver as comunicações contínuas e respostas a perguntas formuladas, algumas vezes, até, a perguntas mentais, que acusavam, de modo evidente, a intervenção de uma inteligência. Foi em casa da família Baudin que Denizard Rivail começou seus estudos. “Foi ai que fiz os meus primeiros estudos em Espiritismo, menos ainda por efeito de revelações, que por observação. Apliquei a essa nova ciência, como até então o tinha feito, o método da experimentação; nunca formulei teorias preconcebidas; observava atentamente, comparava, deduzia as conseqüências, dos efeitos procurava remontar às causas pela dedução, pelo encadeamento lógico dos fatos, não admitindo como válida uma explicação senão quando ela podia resolver todas as dificuldades da questão. Foi assim que procedi sempre em meus trabalhos anteriores, desde a idade de quinze a dezesseis anos. Compreendi desde o princípio a gravidade da

experiência que ia empreender. Entrevi nesses fenômenos a chave do problema tão obscuro e tão controvertido do passado e do futuro, a solução do que eu havia procurado toda a minha vida; era, em uma palavra, uma completa revolução nas idéias e nas crenças; preciso, portanto, se fazia agir com circunspeção e não levianamente, ser positivista e não idealista, para se não deixar arrastar pelas ilusões.

“Um dos primeiros resultados das minhas observações foi que os Espíritos, outra coisa não sendo senão as almas dos homens, não tinham nem a soberana sabedoria, nem a soberana ciência; que seu saber era limitado ao grau do seu adiantamento, e que sua opinião não possuía senão o valor de uma opinião pessoal. Esta verdade reconhecida desde o começo, evitou-me o grave escolho de crer na sua infalibilidade e me preservou de formular teorias prematuras sobre os seus ensinamentos”.



Rua de La Grange-Batelière residência da Sra Plainemaison.

O Mundo Invisível Ambiente

“Só o fato da comunicação com os Espíritos, o que quer que eles pudessem dizer, provava a existência de um mundo invisível ambiente: era já um ponto capital, um imenso campo franqueado às nossas explorações, a chave de uma multidão de fenômenos inexplicados. O

segundo ponto, não menos importante, era conhecer o estado desse mundo, seus costumes, se assim nos podemos exprimir. Cedo eu vi que cada Espírito, em razão de sua posição e de seus conhecimentos, dele me desvendava uma fase, exatamente como se chega a conhecer o estado de um país, interrogando os habitantes de todas as classes e de todas as condições, podendo cada um ensinar alguma coisa, e nenhum deles podendo, individualmente, nos ensinar tudo. Cumpre ao observador formar o conjunto, com o auxílio dos documentos recolhidos de diferentes lados, colecionados, coordenados e confrontados entre si. Eu, pois, agi para com os Espíritos como o teria feito com os homens; eles foram para mim, desde o menor até o mais elevado, meios de colher informações e não reveladores predestinados”

Convém acrescentar que o professor Denizard Rivail longe de ser um entusiasta dessas manifestações, e absorvido por suas outras preocupações, esteve a ponto de as abandonar, o que talvez tivesse feito, se não fossem as insistentes solicitações dos Srs. Carlotti, René-Taillandier, membro da Academia de Ciências, Thiedman- Manthése, Victorien Sardou (pai e filho), e Didier, editor, que acompanhavam a cinco anos, o estudo desses fenômenos e tinham reunido cinquenta cadernos de comunicações diversas, que eles não conseguiam pôr em ordem, conhecendo as vastas e raras aptidões de síntese do professor Denizard Rivail, esses pesquisadores lhe enviaram os cadernos pedindo que deles tomassem conhecimento e os pusesse em termos. Esse trabalho era árduo e exigia muito tempo, em virtude das lacunas e obscuridades dessas comunicações.



Victorien Sardou

Origem do Nome Allan Kardec

Em *Vida e Obra de Allan Kardec* (La Vie et L'ouvre d'Allan Kardec), André Moreil afirma que, certa noite, Zéfiro, Espírito protetor de Denizard Hippolyte Léon Rivail, informou havê-lo conhecido numa existência anterior, quando, na época dos druidas, viveram juntos nas Gálias. Disse-lhe que o seu nome era, então, Allan Kardec. “A partir desse momento — comenta Moreil — Denizard Rivail já não existe”. A missão recebida, a título de líder doutrinário de uma ciência ditada pelos Espíritos, obrigaram-no a *renascer* como Allan Kardec. O novo nome lhe apareceu revestido de valor quase esotérico. Os druidas eram sacerdotes celtas. Os celtas, povos antiquíssimos, de origem indo-germânica, empreenderam grandes migrações desde os tempos pré-históricos, percorrendo toda a Europa, desde as Ilhas Britânicas até a Ásia Menor. Mas, por volta do ano 250 antes do Cristo, quando atingiram o clímax do seu poder, estavam fixados principalmente nas Gálias. Embora sua linguagem e os fundamentos da sua cultura já estivessem estruturados desde sete séculos antes da nossa era, jamais se organizaram, politicamente, sob qualquer forma de império. Apenas uma poderosa e mística força os unia — a casta sacerdotal, que mantinha íntegros os preceitos religiosos e as riquíssimas tradições do mundo

celta. Esses sacerdotes eram os druidas, reverenciados pelas tribos onde quer que fossem. Dedicavam-se à Teologia, à Filosofia, à Magistratura. Conduziam todo um povo, cujas crenças se fundamentavam na **imortalidade da alma** e na **reencarnação**, além de admitir, serenamente, a **comunicabilidade com os Espíritos**. A revista *Reformador* reproduziu, em francês, a carta que Denizard Hippolyte Léon Rivail escreveu ao Sr. Thiedman-Manthèse, em 27 de outubro de 1857, relativamente ao pseudônimo que adotara: “Duas palavras ainda a propósito do pseudônimo. Direi, primeiramente, que neste assunto lancei mão de um artifício, uma vez que, dentre 100 escritores, há sempre os $\frac{3}{4}$ que são conhecidos por seus nomes verdadeiros, com a só diferença de que a maior parte toma apelidos de pura fantasia, enquanto que o pseudônimo Allan Kardec guarda uma certa significação, podendo eu reivindicá-lo como o próprio em nome da Doutrina Espírita”. O certo é que, ao adotar o pseudônimo Allan Kardec, o professor Hippolyte Léon Rivail deu valioso testemunho, não somente de fé, mas igualmente, de humildade, pois seu nome civil era dos mais ilustres da França. Ele descendia de antiga e tradicional família, cujos membros brilharam na Advocacia e na Magistratura. Foi um dos mais destacados discípulos de Pestalozzi e, depois, conselheiro influente nas reformas do ensino levadas a efeito na França e na Alemanha. Poliglota, dominava, além do francês, o alemão, o italiano, inglês, o latim. Verteu, para o alemão obras importantes, como as de Fénelon (François de Salignac de La Mothe), nascido em 1651 e desencarnado em 1715, destacando-se *TELÊMACO*, epopéia romanesca em prosa inspirada na *Odisséia*, de Homero.

Não resta a menor dúvida que o autor de *Traité de l'Education des Filles*, obra clássica da pedagogia francesa, exerceu significativa influência sobre Kardec, aprimorando-lhe o espírito e contribuindo para

alcançar, depois, a posição de liderança de uma Doutrina que viria revolucionar o pensamento político, filosófico, religioso e científico, não só de sua época, mas de épocas posteriores.



Fénelon

O Pseudônimo Allan Kardec, Motivo de Inquirição Judicial

Cinco anos após a desencarnação de Allan Kardec, a *Revue Spirite*, então sob a direção de Pierre Gaetan Leymarie¹, publicou uma

¹ Pierre Gaetan Leymarie nasceu em Tulle, França, a 02 de maio de 1827, filho de distinta família. Cedo interrompeu seus estudos e se dirigiu a Paris, a fim de empregar-se, valendo-se, apenas, de seus próprios esforços.

Tornou-se republicano e, por questões políticas, viu-se forçado a exilar-se. Proclamada a anistia, voltou a França, casou-se com Marina Duddos, vinte anos mais moça, assumindo a direção de uma casa comercial, em Paris, até 1871. Foi um dos primeiros a observar os fenômenos provocados pelos Espíritos. Quando Kardec inicia a publicação da *Revue Spirite* (1858) e de suas obras, e começa as suas sessões de estudo e experimentação, contaria com a participação de Leymarie entre os seus mais dedicados discípulos. Com a desencarnação de Kardec, P. G. Leymarie assume a sociedade anônima, de capital variável, organizada pelo mestre de Lyon, bem como a direção da *Revue Spirite*. Ao longo de trinta anos P. G. Leymarie esteve à frente da Sociedade e da *Revue*, ao lado da Sra. Rivail, viúva do Codificador. Desencarnou em 10 de abril de 1901, após longa e dolorosa enfermidade. A revista *Reformador* de 1º de junho de 1901, publica a notícia da desencarnação do ilustre discípulo de Kardec exaltando-lhe as qualidades morais e os relevantes serviços prestados ao Espiritismo. De acordo com suas últimas vontades, seu corpo foi cremado, depositando-se as cinzas no Père-Lachaise, sob um fogueiro Dólmen, em cuja pedra se lê a seguinte sentença: "Morrer é deixar a sombra para entrar na

série de reportagens sobre **fotografias de Espíritos**, ilustrando-as com fotos de pessoas que posaram para os fotógrafos médiuns Edouard Buguet e o americano Alfred-Henri Firman. Junto aos retratos, por força da faculdade mediúnica de ambos os profissionais, apareciam vultos nítidos de amigos ou parentes falecidos. A Sra. Amélie Boudet Rivail, viúva do Mestre Allan Kardec, submeteu-se a uma sessão de fotos, aparecendo, em uma delas, a figura inconfundível do Codificador do Espiritismo, ostentando uma mensagem, em francês, com o seguinte teor:

“Chère femme: Veillez sur notre médium Buguet: de faux Spirites le tracassant en ce moment. Lui seul est le vrai. C’est surtout lui Qui fera prospérer notre doctrine. Leymarie doit l’aider. Je suis avec vous. Courage et adieu. 14 novembre 74. Allan Kardec”. (Querida esposa: protegi nosso médium Buguet: falsos espíritas o embaraçam neste momento. Ele só é verdadeiro, e, especialmente para desenvolver nossa doutrina. Leymarie deve ajudá-lo. Estou com todos vós. Coragem e adeus. 14 de novembro de 1874. Allan Kardec.)

A viúva de Allan Kardec fôra ao estúdio de Buguet com a intenção de obter uma foto de seu pai; mas, para sua maior surpresa, surgiu a figura de um velho conhecido. Na Segunda tentativa, a imagem era a de Allan Kardec. Leymarie fôra com ela e sabia, desta vez, que ela desejava um retrato do seu marido. Quanto ao texto, impresso na foto, era de tal forma reduzido, que não se poderia afirmar, positivamente, de quem fosse. **A Revue Spirite garantia que a letra era**

claridade”.

de Allan Kardec, sendo reconhecida, também, por várias pessoas, depois de examinada meticulosamente.

Com a divulgação do fato e da foto na *Revue Spirite*, levantou-se a idéia da fraude, sendo denunciada pelo Sr. Lomhard, “officer de paix”, junto ao Gabinete do Chefe de Polícia.

No dia 16 de junho de 1875, Quarta-feira, instaurava-se um processo que se tornaria famoso: **Procés des Spirités**², movido, em Paris, pelo Ministério Público, contra Buguet, Firman e Leymarie. Este processo foi fruto da intolerância e da prepotência. As próprias autoridades judiciais, contrariando os nobres princípios da Justiça Francesa, investiram, desrespeitosos, arbitrários, contra os acusados, como se estivessem, frente a frente, com cruéis assassinos. Nem sequer a viúva de Allan Kardec, que prestou declaração como testemunha, teve o tratamento devido à sua nobre posição. Do interrogatório a que fora submetida, constam as seguintes perguntas e Acima Pierre Gaetan Leymarie, respostas, relativas ao pseudônimo do abaixo foto de seu túmulo. Codificador:

Juiz Millet — Afinal, em que época o Sr. Rivail adotou o nome de Allan Kardec?

Sra. Rivail — *Por volta da década de 1850.*

Juiz Millet — Onde buscou ele este nome? Num manual de bruxaria?

² O Procés des Spirités (O Processo dos Espíritas) foi editado, no Brasil, pela FEB. A apresentação é de Hermínio C. Miranda.

Sra. Rivail — Não sei o que o senhor pretende dizer.

Juiz Millet — Nós conhecemos as origens dos livros do seu marido; ele se valeu, de 1522; de um outro livro intitulado Alberti... e outros.

Sra. Rivail — *Todos os livros do meu marido foram criados com a ajuda de médiuns e das evocações. Não conheço nenhum dos livros a que o senhor se refere.*

Juiz Millet — Nós os conhecemos; o nome Allan Kardec que o seu marido adotou é o nome de uma grande floresta da Bretanha³. A senhora erigiu a seu esposo um túmulo no Père-Lachaise e nele colocou o nome de Allan Kardec; está convencida de que ele foi o que disse ter sido?

Sra. Rivail — *Eu creio que não se deve gracejar sobre isso... não é agradável ver rir de tais coisas.*

Juiz Millet — Nós não estimamos as pessoas que se apropriam de nomes que não lhes pertencem, escritores que pilham obras antigas, que ludibriam o espírito público.

Sra. Rivail — *Todos os literatos usam pseudônimos. Meu marido nada pilhou.*

Juiz Millet — *Foi um compilador, não um literato; um homem*

³ O juiz Millet, incorreu em equívoco; não sendo tão grande a tal floresta não mereceu o registro nos compêndios de Geografia, nem nos dicionários e enciclopédias.

*que fez magia negra ou branca; fique sentada!*⁴

Em *Reformador* n° 1772, novembro de 1976, onde se encontra o absurdo diálogo entre o juiz Millet e a Sra. Rivail, pinçamos os seguintes comentários:

“O que a cega e irreverente malevolência dos acusadores do Codificador sempre fez questão de esquecer é que o uso de pseudônimos sempre foi, e será comum em toda a parte. Não são apenas os literatos que os utilizam; a prática também é vulgar entre os artistas e até entre os políticos”.

Ao adotar o pseudônimo, o Prof. Denizard Rivail dava o inequívoco testemunho de humildade, porquanto seu nome civil inscrevia-se, à época, entre os mais ilustres educadores franceses.

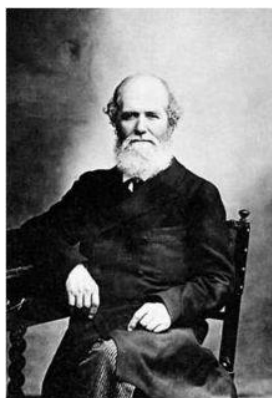
Homens como Sócrates, Jesus, Orígenes e Kardec, construíram-se em contundentes libelos nas sociedades onde viveram, desafiando o poder e os preconceitos pela sua integridade moral, bom senso e fulgurante inteligência. Na verdade, os contemporâneos dessas almas impolutas, não estavam realmente estruturados para entendê-las e aceitá-

⁴ A Sra. Rivail protestou, por escrito, pela forma deselegante e acintosa manifestada pela autoridade judicial: *"Declaro que o Sr. Presidente da Sétima Câmara convencional não me deixou livre para desenvolver meu pensamento, pois em meu interrogatório, introduziu reflexões estranhas ao debate e desejou ridicularizar o Sr. Rivail, conhecido como Allan Kardec, fazendo dele um simples compilador e negando o seu título de escritor. Protesto energicamente contra essa maneira de interrogar e solicito ser ouvida novamente, porque é costume na França respeitar as senhoras, sobretudo quando tem cabelos brancos. Não se deveria interromper-me e mandar assentar-me, após terem se divertido com o que considero intocável, ou seja, o direito de ter feito construir um túmulo para meu companheiro de provações, para o esposo estimável e honrado por homens do mais alto valor".*

las como seres que estavam realmente acima das mediocridades humanas...



Madame Allan Kardec. O Espírito de seu marido tem nas mãos uma mensagem obtida por escrita direta. Buguet, no tribunal, tentou fazê-la passar como sendo uma cartolina drede preparada pela Srta. Léonie Ménessier.



Pierre Gaetan Leymarie



Túmulo de Pierre Gaetan Leymarie

O Espírito Verdade

No dia 25 de março de 1856, estava Allan Kardec em seu gabinete de trabalho, em via de compulsar as comunicações dos Espíritos e preparar o livro primeiro da Codificação, quando ouviu ressoarem pancadas repetidas no tabique; procurou sem descobrir, a causa disso, e em seguida retornou ao trabalho. Sua esposa, entrando no gabinete, por volta de dez horas ouviu os mesmos ruídos; procuraram mas sem resultados, de onde podiam eles provir. Moravam, então, na rua dos Mártires, n° 28, no segundo andar, ao fundo.

No dia seguinte, em uma sessão familiar na casa da família Baudin, Kardec contou o fato e solicitou uma explicação:

Pergunta — Ouviste o que acabei de contar; podeis dizer-me qual é a causa dessas pancadas que se produziram com tanta persistência?

Resposta — Era o teu Espírito familiar.

Pergunta — Com que intuito manifestava-se ele desta forma?

Resposta — Queria entrarem comunicação contigo.

Pergunta — Podeis dizer-me quem é ele e o que quer de mim?

Resposta — Podeis perguntar-lhe diretamente, porque ele está aqui.

Pergunta — Meu Espírito familiar, quem quer que sejas, agradeço-vos ter vindo visitar-me; quereis dizer-me quem sois?

Resposta — Para ti, o meu nome será A Verdade, e todos os meses estarei aqui, durante um quarto de hora a tua disposição.

Pergunta — Ontem, ao bater enquanto eu estava trabalhando, tínheis algo especial para me dizer?

Resposta — O que eu tinha que te dizer relacionava-se com o trabalho que estamos fazendo; o que escrevias não me agradava e eu queria que cessasses.

Comentário: Eu estava escrevendo justamente a respeito dos meus estudos sobre os Espíritos e as suas manifestações.

Pergunta — A vossa desaprovação referia-se ao Capítulo que estava escrevendo ou ao conjunto do trabalho?

Resposta — Referia-se ao Capítulo de ontem; relê-o hoje à noite e descobrirás teus erros e corrija-os.

Pergunta — Eu não estava mesmo muito satisfeito com esse Capítulo; por isso hoje o refundi; está agora melhor?

Resposta — Está melhor, mas ainda não está bom. Lê da terceira à trigésima linha e encontrarás um grave erro.

Pergunta — Rasguei o que tinha feito ontem.

Resposta — Não tem importância! O que rasgaste não impede que o engano persista. Lê outra vez e perceberás.

Pergunta — O nome de Verdade que assumiste tem alguma relação com a verdade que eu procuro?

Resposta — Talvez; pelo menos é o guia que te protegerá e te ajudará.

Pergunta — Posso evocar-vos em minha casa?

Resposta — Sim, para que eu te ajude pelo pensamento; mas quanto a respostas escritas em tua casa, não as poderá conseguir ainda por muito tempo.

Pergunta — Podereis vir mais do que uma vez por mês?

Resposta — Sim, mas apenas prometo uma vez por mês, até nova ordem.

Pergunta — Tendes animado alguma personalidade conhecida neste mundo?

Resposta — Já te disse que para ti eu serei a VERDADE; este nome para ti quer dizer descrição. Não saberás nada mais por enquanto.

Dois meses e alguns dias após esse diálogo havido entre Allan Kardec e o Espírito de Verdade, ambos se reencontraram, servindo de médium a jovem Aline Carlotti.

“Meu bom Espírito” — diz Kardec —■ “desejaria saber o que pensais da missão que me foi atribuída por alguns Espíritos; rogo-vos que me digas se se trata de uma prova para o meu amor-próprio. Nutro, como sabeis, o maior desejo de contribuir para a propagação da verdade; mas, do papel de simples trabalhador àquele de missionário-chefe, a distância é grande e eu mal entendo o que possa justificar a minha escolha para tão relevante encargo, de preferência a tantos outros possuidores de maiores talentos e qualidade”.

“Confirmo” — diz Verdade —, “o que te foi dito, mas convido-te a muita descrição, a fim de seres bem sucedido. Mais tarde saberás de muitas coisas que te explicarão o que hoje surpreende. Não te esqueças de que podes ser bem sucedido, mas que também podes falhar; neste último caso, alguém te substituiria, pois, os desígnios de Deus não repousam sobre a cabeça de um só homem; isto seria o meio de fazê-lo malograr. Tua missão se justifica pela obra cumprida; no entanto, ainda nada fizeste. Se conseguires levá-la a bom termo, os homens saberão apreciá-la mais cedo ou mais tarde, pois é pelos frutos que se conhece a qualidade da árvore”.

O Espírito de Verdade é uma Falange ou é o Cristo?

No livro *KARDEC, IRMÃS FOX E OUTROS*, o ilustre pesquisador e confrade Jorge Rizzini dedica um considerável espaço, do primeiro Capítulo, ao exame da especiosa questão.

Afirma que *“O insigne Espírito de Verdade é uma individualidade”*. Reporta-se a primeira mensagem que este transmitiu em 1856, em Paris, pelas irmãs Baudin, quando revelou a Allan Kardec:

“Para ti eu me chamarei A VERDADE...”

Rizzini observa que a Entidade não escreveu “nós” e sim, conforme se lê em *Obras Póstumas*, “Eu me chamarei A Verdade!”

“Outra prova de sua individualidade, observa o autor de “Escritores & Fantasmas”, está no fato de que seu pseudônimo aparece nos prolegômenos de O Livro dos Espíritos entre os nomes de Sócrates, Platão, Fénelon, Santo Agostinho, Erasto, etc.”

Em seguida, cita uma sessão mediúnica dirigida por Kardec, realizada na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, quando se manifestou o Espírito Jobard, ex-presidente de honra da SPEE e amigo do Codificador. A certa altura do diálogo com Jobard, Kardec perguntou:

“— Vede os Espíritos que aqui se encontram conosco?”

“ — Vejo sobretudo, Lázaro e Erasto. Depois, mais distanciado, o Espírito Verdade”.

“Aí está!” — exclama Rizzini — “O Espírito de Verdade é, pois, uma individualidade e, não, pseudônimo de uma coletividade”.

Quanto à idéia de que o Espírito de Verdade é o Cristo, eis o que destaca Rizzini:

“Não. Se fosse, jamais teria dito aos Apóstolos: ‘... Eu rogarei ao Pai e Ele vos enviará outro Consolador, para que fique convosco: o Espírito de Verdade!’”

As argumentações do autor de *“Kardec, Irmãos Fox e Outros”* é um tanto e quanto longa. Sugerimos aos leitores interessados que adquiram a obra, onde encontrarão os subsídios complementares à momentosíssima questão levantada.

O Livro dos Espíritos

Kardec freqüentava as sessões espíritas que tinham lugar na Rua Tiquetone, em casa do Dr. Roustan, com a menina Japhet (pseudônimo de Celine Bequet, sonambulista, neta de Hahneman, criador da Homeopatia) que obtinha comunicações muito interessantes com o auxílio da cesta, fez examinar por esta médium, as comunicações obtidas

respostas em ordem precedente. Esse trabalho teve, a princípio, lugar nas sessões ordinárias; mas, a pedido dos Espíritos, e para que fosse consagrado maior atenção a esse exame, foi continuado em sessões particulares.

Posteriormente, entra em contato com outros médiuns quando propunha algumas das questões que lhe pareciam mais melindrosas. Foi assim que mais de dez médiuns prestaram o seu concurso a esse trabalho. E foi da comparação e fusão de todas essas respostas, coordenadas, classificadas e muitas vezes refeitas no silêncio da meditação que Allan Kardec formou a primeira edição de ***O Livro dos Espíritos***, lançado em 18 de abril de 1857, por E. Dentu Libraire, localizada no Palais Royal, Galerie D’Orleans, n° 13, Paris.

Continha uma **Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita**, onde eram estabelecidos os pressupostos doutrinários e refutadas várias críticas; os prolegômenos, em que eram apresentadas, sinteticamente, as instâncias do plano espiritual para elaboração do livro. A obra é composta de perguntas e respostas, colocadas em colunas. O número total de perguntas e respostas era 501. As matérias se distribuía em três livros:

Livro Primeiro — Doutrina Espírita.

Composto de 10 capítulos.

Livro Segundo — Leis Morais.

Composto de 11 capítulos.

Livro Terceiro — Esperanças e Consolações.

Composto de 03 capítulos.

Após os assuntos, vinham um Epílogo, Notas — que eram esclarecimentos ao texto — um índice dos capítulos — *Table de Chapitres* —, e um índice alfabético — *Table Alphabetique*.

Em 18 de abril de 1860, apareceu a 2ª edição de *O Livro dos Espíritos*. Representava uma refundição total da primeira edição, sem mudar os princípios expostos nela, chegando o próprio mestre a considerá-la um trabalho novo. Para termos uma idéia das modificações listaremos o formato desta edição:

Introdução

Prolegômenos

Livro Primeiro — As Causas Primárias.

Quatro capítulos com um total de 17 subcapítulos.

Livro Segundo — Mundo Espírita ou dos Espíritos.

Onze capítulos com um total de 64 subcapítulos.

Livro Terceiro — Leis Morais.

Doze capítulos com um total de 62 subcapítulos.

Livro Quarto — Esperanças e Consolações.

Dois capítulos com um total de 15 subcapítulos.

Conclusão

Índice

Como vemos, desaparecem o Epílogo, as Notas e o índice Alfabético. O número de perguntas e respostas subiu para 1.018.



Rua Tiquetone — Residência do Sr. Roustan e Sra Japhet.

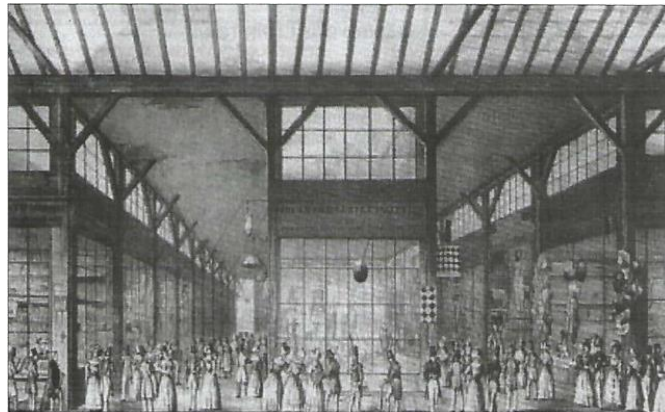


Ilustração da época com a cobertura envidraçada da Galerie D'Orleans do Palais Royal

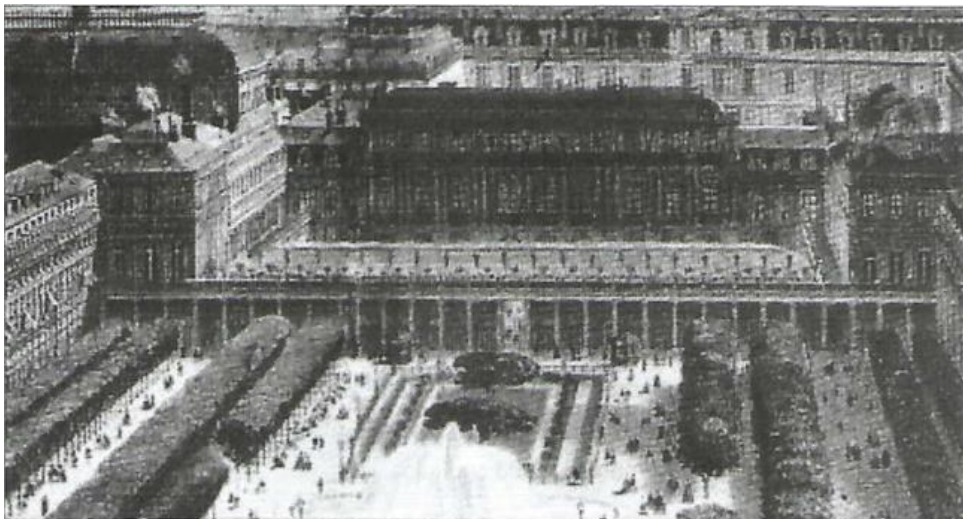


Ilustração da época com a Livraria Dentu na Galerie D' Orleans do Palais Royal

Allan Kardec — Entre a Primeira e a Segunda Edições de O Livro Dos Espíritos

No momento em que era dada a lume, a 1ª edição de *O Livro dos Espíritos*, Allan Kardec adverte (vide *Revue Spirite*, 1858):

“Este trabalho, como indica o seu título, não é absolutamente uma doutrina pessoal, mas o resultado do ensinamento direto dos próprios Espíritos sobre os mistérios do mundo em que estaremos um dia e sobre questões que interessam à Humanidade. Eles nos dão, de alguma sorte, o Código da Vida, traçando-nos o caminho da futura bem-aventurança. Não sendo este livro fruto de nossas próprias idéias — pois tínhamos sobre muitos pontos importantes maneiras de ver muito diferente — nossa modéstia não ficaria vituperada pelos nossos elogios...”

No histórico discurso aos lioneses, já lançada a segunda edição mas ainda se referindo à primeira:

“Se o Livro tem algum mérito, eu seria presunçoso se me glorificasse disso, pois a doutrina que ele encerre não é absolutamente criação minha; toda honra do benefício que ele tem feito reverte aos altos Espíritos que o ditaram e que se dignaram de servir-se de mim. Posso, pois, ouvir o elogio dele sem ficar ferida a minha modéstia nem se exaltar o meu amor-próprio. Se quisesse prevalecer-me dele, teria certamente reivindicado a concepção do Livro, em vez de o atribuir aos Espíritos; e se alguém pudesse duvidar da superioridade daqueles que cooperam para ele, bastaria considerar a influência que vem exercendo em tão pouco tempo só pelo poder da lógica, sem nenhum dos meios materiais próprios a sobre evitar a curiosidade” (*Revue Spirite*, 1860).

Na segunda edição, mundialmente conhecida, que se tornou definitiva, o papel de Kardec é preponderante:

“Preferimos esperar a reimpressão do Livro para fundir tudo juntamente, e aproveitamos o ensejo para introduzir na distribuição das matérias outra ordem muito mais metódica, ao mesmo tempo que deceparamos tudo quanto importava em lição duplicada...”

Diria, a propósito, Canuto Abreu, no Prefácio à tradução da primeira edição de *O Livro dos Espíritos*, lançada, no Brasil, pela companhia Editora Ismael, em comemoração ao 1º centenário da obra:

“O Discípulo torna-se Mestre, nivela-se o Aprendiz com os Instrutores

Julga, critica, distingue, seleciona. Inspira-se no Espírito Verdade:

“A proteção deste Espírito, cuja superioridade eu estava longe de imaginar, com efeito, jamais me faltou. Sua solícitude e a dos Espíritos sob suas ordens se estenderam a todas as circunstâncias de minha vida, quer para me facilitar o cumprimento de meus trabalhos, quer etc...”
(*Obras Póstumas*)

A posição de igualdade com os Instrutores espirituais, que resultava do alto nível moral de Allan Kardec, chegava a ponto de permitir, às vezes, entre os Espíritos e o homem controvérsias, críticas com o objetivo de esclarecer questões em que as respostas não ofereciam cabal evidência:

“A Verdade, eis a única em mira. A crítica portanto deve ser prazerosamente aceita pelos Espíritos quando são superiores, pois de duas uma: ou estão seguros do que sustentam e têm assim elementos

para nos dar em discussões a evidência de que necessitamos, ou não estão ainda bem esclarecidos sobre o ponto em estudo e podem, discutindo, aprender conosco.

A instrução pode ser recíproca. Se os homens podem instruir-se com os Espíritos, também estes podem instruir-se com os homens” (Discurso de Allan Kardec, Boudeur, 1863).

Anteriormente Allan Kardec afirmava (vide *Revue Spirite*, 1860):

“O grande critério do ensinamento dado pelos Espíritos Superiores é a lógica. Temos motivos para não aceitar levemente todas as teorias dadas pelos Espíritos. Quando surge uma teoria nova, fechamo-nos no papel de observador; fazemos abstração de sua origem espírita, sem nos deixar ofuscar pelo brilho de nomes pomposos; examinamo-la como se emanasse de simples mortal; procuramos ver se ela é racional, se dá conta de tudo, se resolve todas as dificuldades”.

E, em Obras Póstumas:

“Julgamos. Comparamos. Tiramos conseqüências de nossas observações. Seus erros mesmos são para nós ensinamentos. Não fazemos renúncia de nosso discernimento. Observar, comparar e julgar, tal é a regra constante que tenho seguido. Trabalho com Espíritos como trabalho com homens; são para mim, do mais humilde ao mais graduado, instrumentos de meu aprendizado e, não, reveladores predestinados”.

O psicólogo e jornalista Jaci Regis, em seu artigo *A Tarefa de Allan Kardec num Mundo em Mudança*, inserido no livro *Vida e Obra*

de Allan Kardec (*Edicel*), parecendo perfilhar a linha de pensamento de Canuto Abreu, afirma:

“Alguns espíritas, talvez para reforçar a natureza extraterrena da origem do Espiritismo insistem em diminuir a tarefa de Kardec, dizendo que ele foi “apenas” o secretário dos Espíritos. Ainda dentro de uma concepção unilateral da vida, fazem uma dicotomia inflexível entre os Espíritos e os homens, atribuindo aos primeiros toda a sabedoria e aos segundos a posição puramente subalterna. A tal ponto vai essa distorção que esquecem que antes de encarnar, o homem pertencia a esse pretenso Olimpo e para ele voltará após a desencarnação.

Kardec desmistificou o plano espiritual, ao estabelecer que a comunhão entre homens e espíritos, através da mediunidade, está no rol das faculdades naturais...”

O autor de *Muralhas do Passado*, chega a proclamar:

“O Espiritismo é obra de Allan Kardec. Ao afirmarmos isso, não queremos contrariar a verdade que a doutrina não foi formulação pessoal dele, nem uma intervenção de seu gênio. Dizemos isso porque ao imbuir-se da Codificação dos princípios espíritas, Kardec investiu-se espontaneamente do poder de traçar-lhe o rumo, uma vez que lhe coube selecionar, metodizar, criticar e publicar o que lhe pareceu de bom senso, lastreado em bases lógicas e da experimentação científica.

“Nisso reside a genialidade do Codificador”.



O Livro dos Espíritos

La Revue Spirite

Um ano após a publicação de *O Livro dos Espíritos*, Allan Kardec chegou a conclusão de que seria necessário editar uma revista mensal e fundar uma Sociedade de pesquisas espíritas. Assim, o ano de 1858 ficou assinalado, na história do Espiritismo, como marco de lançamento da *Revue Spirite* e a fundação da Sociedade Parisiense de Estudos espíritas — SPEE.

O primeiro número da *Revue* saiu a 1º de janeiro de 1858. Essa revista iniciaria, em terras francesas, preliminarmente, e depois em vários países da Europa, a difusão sistemática da novel Doutrina dos Espíritos. E a sua história é contada por Allan Kardec em *Obras Póstumas*⁵.

Em princípio, ao lhe acudir a idéia de fundação de uma revista, o que seria certamente, um meio notável de penetração dos postulados espíritas na sociedade, levou-a ao conhecimento dos Espíritos tutelares da Codificação. E o encontro se verificou na residência do casal Dufaux, em Paris, quando Allan Kardec expõe, ao Espírito que se manifestou pela Sra. Dufaux, os seus planos, solicitando orientação. O comunicante

⁵ *Obras Póstumas* apresenta vários trabalhos de Allan Kardec que nunca haviam aparecido em livro. Este livro, em verdade, representa o testamento doutrinário do Codificador do Espiritismo. Foi publicado vinte e dois anos após o lançamento de *A Gênese* por iniciativa de sua viúva.

ponderou que a idéia era boa, mas seria preciso deixá-la amadurecer mais. Kardec, porém, insiste, argumentando que outros poderiam antecipar-se, no que o Espírito retrucou, simplesmente: “*Adianta-te!*”

Mas o Codificador, apesar de seu desejo imediato de lançar a revista, faltava-lhe tempo, bem como recursos financeiros, para a concretização do importante empreendimento. Nesse instante, o Espírito, sentindo a grandiosidade do objetivo, passou a o incentivar, animando-o a seguirem frente. E assim procedeu Allan Kardec, redigindo, ele próprio, o primeiro número, sem prevenira ninguém, lançando-a a 1º de janeiro de 1858.

Não possuía a revista, um só assinante. “Editei-a — informa Kardec — exclusivamente por minha conta e não tive do que me arrepender, porque o êxito excedeu a minha expectativa”. (Obras Póstumas).

Tornou-se, a revista, um dos mais significativos instrumentos de difusão do Espiritismo, coadjuvando a tarefa dos espíritas franceses, tendo à frente o Mestre de Lyon, no trabalho incansável de socializar os nobres ordenamentos do Espiritismo.

Em pouco tempo, a *Revue Spirite* impunha-se vitoriosa, no âmbito do Movimento Espírita da França e nos demais países em que passou a circular.

Dava ao Codificador, assim, mais uma prova inequívoca do amor à causa do Mestre Jesus, lutando, com suas próprias forças e poucos recursos, para a consolidação do ideário espiritista, embora com inauditos sacrifícios. Mas, os bons e esclarecidos espíritos, sob a égide do Paraclito, sempre estavam a seu lado, infundindo-lhe confiança e,

sobretudo, a certeza de que a missão em que estava empenhado lhe fôra atribuída por desígnio superior. E Allan Kardec, com a humildade que caracteriza os Espíritos de escol, jamais prescindiu do auxílio do Alto. Estas são as suas palavras comoventes, dirigidas ao Senhor:

“Senhor, se vos dignastes a lançar os olhos sobre mim, para satisfazer os vossos desígnios, seja feita a vossa vontade. A minha vida está em vossas mãos, disponde do vosso servo”.

O termo **Parakleto** é vulgarmente transliterado para **Paráclito** ou, ainda, **Parácleito**, ou é traduzido como **consolador, advogado, defensor**. Etimologicamente, o vocábulo é formado de **Para** (ao lado de, junto de) e de **Klêtos** (chamar), **Parákleto** é aquele que é chamado para junto de alguém: o **evocado**. Esse evocado é o Espírito de Verdade.

O termo Parácleito é encontrado nos escritos joaninos, XIV: 15 a 17 e 26. “Se me amais, guardais os meus mandamentos. E eu rogarei ao Pai, e Ele vos dará outro Consolador, para que fique eternamente convosco, o Espírito de Verdade, a quem o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece. Mas vós o conhecereis, porque ele ficará convosco e estará em vós. Mas, o Consolador, a quem o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito”.

A Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas

Até o dia 1º de abril de 1858, as reuniões espíritas se realizavam na residência de Allan Kardec, na rua dos Mártires. A jovem Ermance Dufaux era a principal médium. “Ora, o salão de Allan Kardec — informa André Moreil — não comportava mais de 15 pessoas. Os adeptos organizaram-se, então, em sociedade, e procuraram novo local.

Mas era necessária a autorização das autoridades policiais. O Senhor Dufaux, amigo do prefeito, encarregou-se de obtê-la. Dufaux conseguiu, em menos de 15 dias, a autorização”.

Sociedade, que se expandia dia a dia, reunia-se todas as terças-feiras num local da Galeria de Valois, no Palais Royal. Um ano depois, a 1º de abril de 1859, a SPEE mudou-se para a Galeria Montpensier, num salão do restaurante Douix, transferindo as reuniões das terças-feiras para as sextas-feiras. Foi somente em 1860 que a SPEE se instalou na Passage Saint’Anne, n.º. 59. Após a instalação da SPEE, Allan Kardec lança-se ao trabalho. No encerramento do ano social — 1858/1859 — da Sociedade, cujo boletim foi publicado na *Revue Spirite*, o Codificador lembra as condições que determinaram que a instituição procurasse uma sede apropriada. Agradece aos companheiros de ideal por tê-lo encarregado de dar aos trabalhos da SPEE uma direção metódica e uniforme. Indica, mesmo, a duração que terão seus trabalhos: 10 anos. Isto constitui exatíssima premonição, porquanto Allan Kardec, terminando sua obra, desencarnou 10 anos mais tarde



Sede da SPEE e local da desencarnação de Allan Kardec

Como se Realizavam as Reuniões na SPEE

O objetivo da Sociedade não consistia, apenas em desenvolver a pesquisa em torno dos princípios da Ciência Espírita; ia muito mais longe: estudava as suas naturais conseqüências.

Quanto às evocações, a sua técnica revestia-se de aspecto um tanto inédito. A sala mantinha-se no escuro a fim de que a aura dos presentes fosse bem vista (hoje, a Ciência Biofísica pôde fotografar o rastro esbranquiçado, deixado pelo corpo humano em noite escura, e que se explica pelas ondas de energia calorífica do corpo, precisamente pelas emanações infravermelhas). A Assembléia se colocava em atitude de recolhimento, murmurava uma prece a Deus para que Ele permitisse a vinda do Espírito evocado. Todos os assistentes seguravam-se pelas mãos, lembrando a *cadeia da união* de certas lojas maçônicas. Entoavam-se cânticos. Era tudo Ciência e Música (é de lembrar-se o profundo amor de Allan Kardec pela Música), exaltação de alma, pureza moral e espiritual.

Após essas preliminares, é que a sessão se iniciava⁶. E perguntamos: haveria fenômenos de efeitos físicos nessas reuniões?

⁶ Ignorando, provavelmente, que a música fazia parte integrante das sessões da SPEE, à época de Kardec, um grupo de ilustres espíritas brasileiros participaram, no Rio de Janeiro, em 1944 (em plena Segunda Guerra Mundial) de um Inquérito sobre se teria cabimento ou não a Música nos atos espíritas. As opiniões foram divergentes. Desse histórico Inquérito, tomaram parte: Deolindo Amorim, Leopoldo Machado, Carlos Imbassahy, Arnaldo S. Thiago, Randolpho Penas Ribas e outros. O Inquérito foi publicado pelo jornal *Vanguarda*, do Rio de Janeiro, para integrar o terceiro volume das edições *Lar de Jesus*, de Nova Iguaçu/RJ.

As críticas não faltaram a esse tipo inovador de comunicação com os mortos. Allan Kardec e os integrantes da SPEE passaram a ser alvo de ataques e chacotas.

O Codificador tomara por norma de conduta não responder a essas provocações. Entretanto, quando o adversário portava-se com lisura e boa fé, ele respondia com o seu proverbial equilíbrio e bom senso: “Apesar do ridículo que lançais sobre um assunto muito mais sério do que pensais — disse ele a um certo Oscar Commettant, que tinha escrito no jornal *Siècle* contra o Espiritismo — tenho o prazer de reconhecer que, embora atacando princípios, salvaguardais as conveniências pela urbanidade das formas”.

Observa-se que Allan Kardec era sensível à urbanidade das formas, isto é, à educação. Mas, também, sabia ser irônico: “Para certas pessoas, é lamentável que não se possa pôr os Espíritos em garrafão para observá-los à vontade”.

Recebia, por outro lado, na SPEE, mensagens de várias partes do mundo, incentivando-o a prosseguir na abençoada tarefa de divulgar, por todos os meios lícitos, a Doutrina dos Espíritos.

Um correspondente de Lima (Peru), por exemplo, assim lhe escreveu:

Estimadíssimo Senhor Allan Kardec,

Vosso *O Livro dos Espíritos* acompanha-me em minha solidão, etc... Foi assim que pude traduzir algumas passagens do livro aos selvagens descendentes dos Incas.

A idéia de reviver sobre a Terra parece-lhes muito natural e um deles me declarou um dia:

- Será que, depois de mortos poderemos renascer entre os brancos?
- Certamente, respondi.
- Então, talvez sejas um dos nossos parentes?
- É possível.
- É talvez por isso que és bom e que te amamos?
- Também é possível.
- Então, quando nos defrontarmos com um branco não devemos lhe fazer mal, porque, talvez, seja um dos nossos irmãos?”

O missivista assim termina sua carta:

“Com certeza admirareis, como eu, esta conclusão, partida da boca de um selvagem e o sentimento de fraternidade que surgiu nele, ao assimilar a ética transcendental da reencarnação”.

Os casos que sucederam na Sociedade de Estudos Espíritas de Paris são realmente notáveis. E tudo vem contado, em estilo cativante e objetivo, na *Revue Spirite*. O trabalho de Allan Kardec na SPEE, juntamente com seus companheiros de Ideal, é um luminoso capítulo à parte no processo de consolidação do Espiritismo neste sofrido plano de provas e expiações, a que chamamos, simplesmente, **Terra**.

Auto de Fé de Barcelona – 14 de outubro de 1861

A 14 de outubro de 1861 queimavam-se em praça pública, na cidade de Barcelona, Espanha, 300 (trezentas) obras espíritas por ordem do Bispo D. Antônio de Palaúy Termens.

Eis o histórico do estúpido acontecimento, promovido pela estertorada e nefanda máquina da inquisição espanhola.

A pedido do livreiro **Maurício Lachâtre**, estabelecido em Barcelona, Allan Kardec lhe expedia uma quantidade de **O Livro dos Espíritos**, da **Revista Espírita**, da Revista Espiritualista (diretor Pirard); O Livro dos Médiuns, O Que é Espiritismo, Fragmento da Sonata Ditada pelo Espírito de Mozart, Carta de um Católico Sobre Espiritismo, pelo Dr. Grand: A História de Joanna D'Arc. ditada por ela mesma à jovem médium Ermance Dufaux; *j* A Realidade dos Espíritos Demonstrada pela Escrita Direta, pelo Barão de Guldenstubbé.

Assistiram ao auto de fé:

Um padre revestido dos hábitos sacerdotais, trazendo em uma das mãos a cruz e na outra uma tocha. Um tabelião encarregado de redigir o processo verbal do auto de fé. O escrevente do tabelião. Um empregado superior da administração das alfândegas; Três Moços (serventes) da alfândega, encarregados de alimentar o fogo. Um agente da alfândega, representando o proprietário das obras condenadas pelo bispo.

Uma multidão incalculável aglomerava-se nos passeios e cobria a esplanada em que ardia a fogueira. Quando o fogo consumiu os trezentos volumes ou brochuras espíritas, o padre e seus ajudantes se retiraram cobertos pela vaia e maldições dos numerosos assistentes, que gritavam: “Abaixo à Inquisição!” Várias pessoas se acercavam da fogueira e apanharam as cinzas.

Eis o extrato da Ata de execução do Auto-de-fé:

“Na data de hoje, quatorze de outubro de mil oitocentos e sessenta e um, às dez e meia da manhã, na Esplanada da cidade de Barcelona, no local onde são executados os criminosos condenados à pena última, por ordem do Bispo desta cidade foram queimados trezentos volumes e brochuras sobre o Espiritismo”.

Os principais jornais de Espanha publicaram com minúcias a notícia do ato que os jornais liberais do país, com justa razão, condenaram.

Kardec, na *Revue Spirite* emite lúcida e equilibrada opinião sobre a atitude nefasta da igreja espanhola, nestes termos:

“Examinado o caso, do ponto de vista de suas conseqüências, diremos, para começar, não haver dúvida de que nada poderia ser mais favorável ao Espiritismo. A perseguição sempre foi proveitosa à idéia que se quer proscrever. Por ela se exalta a sua importância, chama-se a atenção dos que a ignoravam e que passam a conhecê-la. Graças a esse zelo imprudente, todo o mundo na Espanha vai ouvir falar do Espiritismo e quererá saber o que ele é. Eis tudo quanto desejamos. Podem queimar-se livros, mas não se queimam idéias: as chamas da fogueira as superexcitam, em vez de abafar, aliás, as idéias estão no ar, e não há Pirineus bastante altos para as deter. E quando uma idéia é grande e generosa, encontra milhares de corações prontos a aspirá-la. A despeito do que tenham feito, o Espiritismo já tem numerosas e profundas raízes na Espanha; cinzas da fogueira vão fazê-las frutificar. Mas não é só na Espanha que se produzirá tal resultado: é o mundo inteiro que sentirá suas conseqüências. Vários jornais da Espanha estigmatizaram esse ato retrógrado, como bem o merece”.

O jornal *Las Novedades*, de Madrid estampou longo artigo a respeito, do qual extraímos o seguinte trecho:

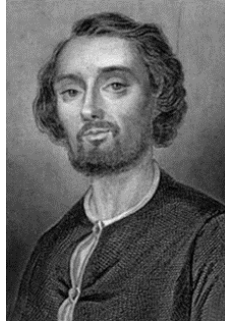
“O auto-de-fé elaborado há alguns meses em La Corunã, onde queimaram grande número de livros, à porta de uma igreja, tinha produzido em nosso espírito e no de todos os homens de idéias liberais uma tristíssima impressão. Mas é com uma indignação ainda bem maior que foi recebida a notícia em toda a Espanha, do segundo auto-de-fé, celebrado em Barcelona, nesta capital civilizada da Catalunha, em meio a uma população essencialmente liberal à qual foi feito este insulto bárbaro”.

Vários Espíritos se manifestaram, espontaneamente, na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas — SPEE, sobre o ato de intolerância e pânico dos poderosos dignitários da igreja espanhola, sediados em Barcelona.

Dessas mensagens, transcrevemos a seguinte por Saint Dominique:

“Era preciso que algo ferisse num golpe violento certos Espíritos encarnados, para que se decidissem a ocupar-se desta grande Doutrina que deve regenerar o mundo. Nada é feito inutilmente em vossa Terra nesse sentido; e nós, que inspiramos o auto-de-fé de Barcelona, bem sabíamos que, assim agindo, contribuiríamos para um grande passo à frente. Esse fato brutal, incrível nos tempos atuais, foi consumado a fim de atrair a atenção dos jornalistas que ficaram indiferentes ante a profunda agitação reinante nas cidades e centros espíritas. Deixavam dizer e fazer; mas se obstinavam em não ouvir, e respondiam pelo muitíssimo ao desejo de propaganda dos adeptos do Espiritismo. De boa ou má vontade, é preciso que hoje falem: uns consultando o histórico do

caso de Barcelona, outro o desmentido, deram lugar a uma polêmica que fará volta ao mundo e da qual só o Espiritismo aproveitará. Eis por que hoje a retaguarda da Inquisição praticou o seu último auto-de-fé, porque assim o desejamos”.



Maurício Lachâtre



Gravura da época, mostrando a queima de livros e periódicos espíritas.

A Codificação

Desdobrou-se *O Livro dos Espíritos* em mais quatro livros que completam a Codificação do Espiritismo: *O Livro dos Médiuns* (1861); *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (1863); *O Céu e o Inferno* (1865) e *A Gênese* (1868).

O Livro dos Médiuns

O Livro dos Médiuns foi precedido de um pequeno trabalho

elaborado por Allan Kardec, sob o título Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas, contendo “A exposição completa das condições necessárias para a comunicação com os Espíritos e os meios de desenvolvimento da faculdade mediúnica”. Esta obra é, por ordem cronológica, a segunda da Codificação Espírita, publicada em 1858, ano de fundação da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos (SPEE) e da Revista Espírita.

Em agosto de 1860, Kardec, através da *Revista Espírita* fazia seus leitores saberem que:

‘Esta obra (Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas) está inteiramente esgotada e não será reimpressa⁷. Substitui-la-á novo trabalho, ora no prelo, e que será muito mais completo e diversamente planificado’.

Esse novo trabalho era *O Livro dos Médiuns*, dado à lume a 15 de janeiro de 1861, apresentado por Kardec como a continuação de *O Livro dos Espíritos*. É o livro básico da Ciência Espírita, “um tratado de mediunidade indispensável a todos que se interessam pela boa realização de trabalhos mediúnicos e pelo desenvolvimento das pesquisas”(In: Introdução à edição da Editora Cultural Espírita Ltda).

A tese fundamental de **OLIVRO DOS MÉDIUNS** é a existência do perispírito, elemento de ligação do Espírito ao corpo físico⁸. Essa

⁷ *Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas* foi reeditada em 1925, por iniciativa de Jean Meyer; sendo traduzido para o português por Caibar Schutel, levando em conta a sua importância doutrinária e histórica.

⁸ À luz da Filosofia Espírita o homem é uma entidade ternária: está constituído de Espírito, Perispírito e Corpo. O Perispírito é instrumento de natureza dialética, pois é por ele que o Ser desenvolve as propriedades latentes. Portanto, sendo constituído ternariamente, o homem parece responder aos três

ligação, de natureza vibratória, é o princípio da mediunidade. Deve-se deduzir que a mediunidade é uma condição natural do homem, uma faculdade geral da espécie humana, que se revela em dois campos paralelos de fenômenos: os anímicos, decorrentes das atividades do nosso próprio Espírito fora, do condicionamento orgânico, e os mediúnicos, noticiados pelas reações naturais entre Espíritos encarnados e desencarnados⁹.

Apesar de escrito a mais de um século, **O Livro dos Médiuns** é atual. Isso quer dizer que as teorias expectativas dos fenômenos, formuladas por Allan Kardec e a inestimável contribuição dos Espíritos permaneceram irretocáveis.

Kardec criou um método próprio para investigar os fenômenos espíritas, apoiando-se, em princípio, na premissa básica de que não há um efeito sem causa e de que um efeito inteligente é, necessariamente, determinado por uma causa inteligente. Verificou, de pronto, que os fenômenos mediúnicos apresentavam características próprias que escapavam ao controle humano, transcendendo as dimensões físicas, sem contudo deixarem de ser naturais. Reconhecer que o agente

tempos dialéticos, embora seja no Perispírito que, por ação evolutiva, se fixam todos os graus alcançados pelo Espírito.

⁹ A despeito de a mediunidade ser tão antiga no mundo, porquanto surgiu com o primeiro homem que pisou na Terra, ela, entretanto, só veio a ser estudada, racionalmente, pelos homens de Ciência com o advento da Doutrina Espírita.

As pesquisas meta psíquicas e mais tarde as parapsicológicas, embora impulsionadas por objetivos outros, nada mais fizeram, ao final, que referendar os princípios, estabelecidos em *O Livro dos Médiuns*. A verdade é que a matéria prima da Metapsíquica é a fenomenologia espírita. Os fenômenos são os mesmos; a nomenclatura é que é diferente. Os metapsiquistas, tendo à frente, o Dr. Charles Richet, tentam explicá-los pelo animismo; todavia, alguns dos metapsiquistas lealmente confessam que muitas vezes, só a hipótese espírita os pode explicar.

inteligente se identificava como sendo o Espírito de homens e de mulheres que tinham vivido na Terra, em alguma época, assumida esta ou aquela personalidade, podendo manifestar-se, no plano físico, por intermédio de um sensitivo ou médium que fornecia os recursos enérgicos e indispensáveis à manifestação.

Dos resultados de suas observações concluiu que:

“... Os Espíritos, não sendo senão as almas dos homens, não tinham nem a soberana sabedoria, nem a soberana ciência; (...) que o seu saber era limitado ao grau de seu adiantamento, e que a opinião deles não tinha senão o valor de uma opinião pessoal”.

Isso possibilitou a Allan Kardec evitar o “grave escolho” de ver a infalibilidade nos Espíritos, preservando-o de “formular teorias prematuras sobre a opinião de um só ou de alguns (...)”. Um outro ponto não menos importante era o de conhecer o estado do mundo dos espíritos, em razão de sua posição pessoal e de seus conhecimentos, desvendava-lhe um aspecto desse mundo, exatamente como se chega a conhecer o estado de um país interrogando os integrantes de todas as classes e condições, podendo cada qual nos ensinar alguma coisa e nenhum deles podendo, individualmente, ensinar-nos tudo.

Allan Kardec, prosseguindo em suas investigações, baseou-se também, no princípio da concordância observada nas informações e ensinamentos dados pelos Espíritos comunicantes, “servindo-se de grande número de médiuns estranhos uns aos outros e em vários lugares”. Sustentado nesta constatação, proclamou que a força do Espiritismo repousa na universalidade dos ensinamentos dos Espíritos.

Ainda que as manifestações dos espíritos, provocadas ou espontâneas, não dependessem da vontade humana, Allan Kardec preocupou-se em exercer o controle através de uma rigorosa análise comparativa das mensagens recebidas, submetendo-as ao crivo da razão, do bom senso e da lógica apoiando-se no conhecimento científico existente, não as aceitando como ensinamentos definitivos mas, sim, passíveis de novas definições ao longo da história humana.

A posição de Kardec era assim de uma clareza e positividade absoluta. O espiritismo nascia como Ciência, dentro dos quadros da evolução científica, e ao mesmo tempo assumia uma posição epistemológica realista criticando os desvios individualistas à realidade objetiva.

“A Metapsíquica e a Parapsicologia — elucidada J. Herculano Pires — representam esforços científicos para a explicação dos fenômenos espíritas. Não importa que a Parapsicologia rejeite o Espiritismo e até mesmo o despreze. O que importa é que ela prossiga nas suas investigações, pois estas fatalmente as levarão ao reconhecimento da realidade espiritual”. Afinal de contas, tanto o Espiritismo como a Parapsicologia a despeito de se encontrarem em campos opostos, visam, em última instância, a descoberta da verdade sobre a natureza humana.

Em suma: Kardec estruturou a Ciência do Espírito e instituiu a pesquisa mediúnica, porque a mediunidade é a janela aberta no paredão dos fenômenos materiais para mostrar uma nesga do infinito aos homens imantados ao infinito.

O Evangelho Segundo O Espiritismo

O livro terceiro da Codificação espírita foi lançado, em Paris, em abril de 1864, por iniciativa de Allan Kardec, com o seguinte título: *Imitação do Evangelho Segundo o Espiritismo (Imitation de l'Évangile Selon le Spiritisme)*. Este título foi depois modificado, e é hoje *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, com a explicação das máximas morais do Cristo em concordância com o Espiritismo e suas aplicações às diversas circunstâncias da vida.

Ao longo de sua preparação, os Espíritos reveladores prognosticaram a Kardec, na noite de 09 de agosto de 1863: *“Ihe são necessárias, como também a vida prática das nações haurirá dele instruções excelentes”*.

Mais tarde a 14 de setembro de 1863, Kardec recebeu uma comunicação em que seu guia declarava: *“Com esta obra, o edifício começa a libertar-se dos andaimes e já podemos ver-lhe a cúpula a desenhar-se no horizonte. Continue, pois, sem impaciência ou fadiga, que o monumento estará pronto na hora determinada”*.

No momento em que Kardec dava a lume a primeira edição de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, a Sagrada Congregação do Index (uma organização prosaica do Vaticano) incluía no seu catálogo, as obras de Kardec sobre o Espiritismo! Causou estranheza no ambiente espírita não ter sido tomada, essa decisão (ridícula), mais cedo; mas logo compreenderam que a obra terceira da Codificação serviu de espora à iniciativa da igreja católica. Resultado: as obras espíritas passaram a ser procuradas pelo público. Muitas livrarias, em Paris, puseram-nas em maior evidência em suas vitrines.

O prefácio à obra é de autoria do Espírito Verdade, que assim se expressa:

“Os Espíritos do Senhor, que são as virtudes dos céus, como um exército imenso que se movimenta ao receber a ordem de comando, espalham-se por toda a face da Terra. Semelhantes à estrelas cadentes, vêm iluminar o caminho e abrir os olhos cegos.

“Eu vos digo, em verdade, que são chegados os tempos em que todas as coisas em ser restabelecidas no seu verdadeiro sentido para dissipar as trevas, confundir os orgulhosos e glorificar os justos.

“As grandes vozes do céu ressoam com o toque da trombeta e os coros dos anjos se reúnem. Homens, nós vos convidamos para o divino concerto; que vossas mãos tomem a lira, que nossas vozes se unam, e, num hino sagrado, se estendam e vibrem de um extremo do Universo ao outro.

“Homens, irmãos amados, estamos juntos de vós. Amais também uns aos outros e dizei, do fundo de vosso coração, fazendo a vontade do Pai que está no céu: ‘Senhor! Senhor!’ E podereis entrar no Reino dos Céus”.



O Evangelho Segundo o Espiritismo

O Espírito Verdade

O livro suscitou expressiva repercussão entre os adeptos e simpatizantes do Espiritismo, alcançando, de imediato, sucessivas edições em francês, sendo traduzido para vários idiomas.

No Brasil, a obra foi traduzida pelo Dr. Joaquim Carlos Travassos, médico e homem público, sendo lançada em 1876, pela livraria B. L. Gamier, do Rio de Janeiro.

Daí em diante, o Espiritismo, no seu aspecto religioso, se expandiu extraordinariamente ensejando a fundação de inúmeras instituições voltadas para a assistência social, inspiradas na máxima: “Fora da caridade não há salvação”.

Guillon Ribeiro escreveu, a propósito: “(...) Se legítimo é no Espiritismo o caráter científico, dado que suas teorias se arrimam em vasta fenomenologia, cuja realidade e sentido se comprovam pela observação e pela experimentação científica, essencial, fundamental e mais proeminente é o seu caráter religioso, porquanto confirmando, desenvolvendo e clareando os ensinamentos do Cristianismo, mediante aquela fenomenologia e as revelações decorrentes dela, entre os seus objetivos capitais se encontra, resumindo-os, o de restituir ao termo ‘religião’ o significado exato, o da dupla ligação que o amor a Deus e ao próximo, síntese da Religião, estabelece entre a criatura e o criador” (In: *Religião*, Carlos Imbassahy).

Deve-se observar que Allan Kardec não examina todos os versículos dos Evangelhos.

Ele realiza um trabalho seletivo, pondo à margem os componentes históricos e lendários que se prestam a uma gama de desconstruções e

sectárias interpretações. Assim, dividiu as matérias extraídas dos Evangelhos em cinco partes: 1) Os atos comuns da vida do Cristo; 2) Os milagres; 3) As profecias; 4) As palavras que serviram para o estabelecimento dos dogmas da Igreja; 5) O ensino moral.

Quanto à Quinta parte, **O ENSINO MORAL**, eis o pensamento kardequiano a respeito:

“Todo mundo admira a moral evangélica; todos proclamam a sua sublimidade e a sua necessidade; mas muitos o fazem confiando naquilo que ouviram ou apoiados em algumas máximas que se tornaram proverbiais, pois poucos a conhecem a fundo e são menos ainda os que a compreendem e sabem tirar-lhes as conseqüências. A razão disso está, em grande parte, nas dificuldades apresentadas pela leitura dos Evangelhos, ininteligíveis para a maioria. A forma alegórica e o misticismo intencional da linguagem levam a maioria a lê-los por descargo de consciência e por obrigação, como lêem as preces sem as compreender, o que vale dizer sem proveito”.

“Para evitar esses inconvenientes” — elucida Kardec — “reunimos nesta obra os trechos que podem constituir, propriamente falando, um código de moral universal, sem distinção de cultos”.

E, finalmente: “Esta obra é para uso de todos; cada qual pode nela encontrar os meios de conformar sua conduta à moral do Cristo”.

O Céu e o Inferno

A Revue Spirite de setembro de 1865 publicava em sua seção bibliográfica, a notícia do lançamento do quarto livro da Codificação Espírita: O Céu e o Inferno. Dois capítulos foram publicados antecipadamente na Revue Spirite de janeiro de 1865 — o capítulo sob

o título A Apreensão da Morte e o capítulo Onde é o Céu, no número de março do mesmo ano. Apareceram, ambos na Revue Spirite, a título de artigos, divulgando-se, em nota de rodapé, que um e outro fariam parte de uma nova obra que o Sr. Allan Kardec publicaria proximamente. No mês de setembro, a obra já é posta à venda, inserindo-a na Revue um resumo de seu prefácio.

Segundo J. H. Pires, em sua Notícia sobre o Livro, na tradução da Edicel:

“Estava dado o golpe de misericórdia nos dogmas fundamentais da teologia do cristianismo formalista, tipo inegável de sincretismo religioso, com que o Cristianismo verdadeiro, essencial e não formal, conseguira penetrar na massa impura do mundo e levedá-la à custa de enormes sacrifícios

Em O Céu e o Inferno Kardec reafirma o caráter científico do Espiritismo. As concepções antiquíssimas de Céu e Inferno, tomadas de empréstimo pelo “Cristianismo formalista”, assumiram, na obra kardequiana, uma dimensão jamais cogitada. Ali estava a explicação racional do após-a-morte, oferecida, com naturalidade, pelos Espíritos. À proporção em que os livros kardequianos iam sendo lançados, os mitos religiosos, baseados em idéias absurdas e fantasiosas, iam por água a baixo. Daí a monumental reação ao Espiritismo e ao Codificador. Sentiam, os corifeus da teologia dogmática (que então imperava na Europa), que o edifício que construíram, através dos séculos, à revelia dos ensinamentos luminosos dos Evangelhos, iria fragorosamente por terra, caso não adotassem imediatas providências. Iniciou-se, então, um processo de desgaste à Doutrina e a Kardec, levantando-se contra os dois tremendas e infundadas acusações. Os púlpitos, além dos órgãos de

imprensa tendenciosos, eram os tribunos de que se valiam os “representantes” de Deus na Terra para atacar, sem escrúpulos, o magnífico trabalho - dos “mortos”, que retornavam, com inusitada lucidez, para dizer que continuavam vivos, depois da morte, preservando, incólumes, seus caracteres morais e intelectuais.

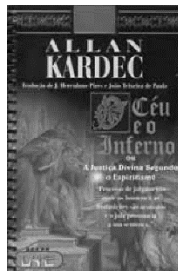
No capítulo I, de O Céu e o Inferno, O futuro e o Nada, Kardec propõe: “Nós vivemos, nós pensamos, nós agimos — eis o que é positivo. E nós morremos — o que não é menos certo. Mas ao deixar a Terra para onde vamos? No que nos transformamos? Estaremos melhor ou pior? Seremos ainda nós mesmos ou não mais o seremos? Ser ou não ser— essa é a alternativa. Ser para todo o sempre ou nunca mais ser. Tudo ou nada. Viveremos eternamente ou tudo estará acabado para sempre? Vale a pena pensarmos em tudo isso?”

Essas premissas kardequianas expressas de uma forma direta, objetiva, resumem o próprio conteúdo do livro. Para dirimir tais e preliminares dúvidas, Kardec evoca os seres invisíveis, e, juntos, vão lançando luzes na escuridão da ignorância e da credulidade cega.

Kardec ilustra as suas revolucionárias idéias com um caso que evidencia a força do niilismo sobre as consciências humanas a despeito dos poderosos condicionamentos religiosos:

“Um jovem de dezoito anos sofria de uma doença cardíaca que foi declarado incurável. O veredicto da ciência havia sido: pode morrer dentro de oito dias ou de dois anos, mas não passará disso. O jovem ficou sabendo e logo abandonou o estudo e se entregou aos excessos de toda espécie. Quando lhe mostravam quanto essa vida era perniciosa para a sua situação, ele respondia: ‘Que me importa, desde que só tenho dois anos de vida? De que me valeria cansar a mente? Gozo o tempo que me

resta e quero me divertir até o fim!’ Eis a conseqüência lógica do niilismo. Mas se esse jovem fosse espírita poderia responder: ‘A morte só destruirá o meu corpo, que abandonarei como uma roupa usada; mas eu, Espírito, continuarei a viver. Eu serei, numa vida futura, o que fizer de mim mesmo nesta vida. Nada do que eu tenha adquirido em qualidades morais e intelectuais se perderá, porque isso representa uma conquista para o meu adiantamento. Toda a imperfeição de que houver me livrado será um passo no caminho da felicidade, minha ventura ou minha desgraça futura depende da utilização de minha existência presente. É pois de meu interesse aproveitar o pouco tempo que me resta, evitando tudo o que possa diminuir as minhas forças’. Qual dessas duas doutrinas será preferível?’”



O Céu e o Inferno

A Gênese

A 06 de janeiro de 1868 era lançado, em Paris, o livro *A Gênese, os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo (La Gênese, les Miracles et les Prèdictions Selon le Spiritism)* assinado por Allan Kardec. O novo livro era como o coroamento de um grandioso trabalho desenvolvido por mais de uma década, desde o lançamento de *O Livro dos Espíritos*, pedra fundamental da Doutrina Espírita.

“Esta obra — esclarece Kardec — é um complemento das aplicações do Espiritismo sob um ponto de vista especial. O material

estava pronto, ou, pelo menos, já elaborado, há muito tempo, aguardando o momento de ser publicado. Convinha, primeiramente, que as idéias que lhe iam servir de base chegassem ao amadurecimento e, além disso, levar em conta a oportunidade das circunstâncias. O Espiritismo não possui mistérios nem teorias secretas. Tudo nele deve ser revelado de modo claro, a fim de que todos possam julgá-lo com conhecimento de causa. Mas, cada coisa deve vir a seu tempo, para vir com segurança. Uma solução dada irrefletidamente, antes da elucidação completa da questão, seria causa de retardamento ao invés de progresso. No presente caso, a importância do assunto impôs-nos o dever de evitar qualquer precipitação”.

O primeiro capítulo de *A Gênese* trata dos caracteres da Revelação espírita. Em seu “caput”, Kardec pergunta ”Podemos considerar o Espiritismo como uma revelação? Nesse caso, qual o seu caráter? Em que está fundada a sua autenticidade? Por quem e de que maneira ela foi feita? A Doutrina Espírita é uma revelação no sentido teológico da palavra, quer dizer, é ela, sob todos os aspectos, o produto de um ensinamento oculto vindo do alto? É ela absoluta ou suscetível de modificação? Trazendo aos homens a verdade toda pronta, a revelação não teria como efeito impedi-los de fazer uso de suas faculdades, já que lhes pouparia o trabalho da investigação? Qual pode ser a autoridade do ensinamento dos Espíritos, se eles não são infalíveis e superiores à Humanidade? Quais são as verdades novas que eles nos trazem? O homem precisa de uma revelação e não pode encontrar em si mesmo e em sua consciência tudo o que lhe é necessário para se governar? Tais são as questões sobre as quais cumpre ater-se o sentido da palavra revelação:

Revelar, do latim *revelare*, cuja raiz é *velum*, véu, significa literalmente sair de sob o véu e, no sentido figurado: descobrir, dar a conhecer uma coisa secreta ou desconhecida. Em sua acepção vulgar mais geral, Slzse de qualquer coisa ignorada que é esclarecida, de qualquer idéia nova que abre caminho para aquilo que não se sabia.

Desse ponto de vista, todas as ciências que nos esclarecem sobre os mistérios da natureza são revelações, e pode-se dizer que há para nós uma revelação incessante. A astronomia revelou-nos o mundo astral que não conhecíamos; a geologia, a formação da Terra; a química, a lei das afinidades; a fisiologia, as funções do organismo, etc. Copérnico, Galileu, Newton, Laplace, Lavoisier são reveladores.

O caráter essencial de toda revelação deve ser a verdade.

O Espiritismo, tendo-nos dado a conhecer o mundo invisível que nos rodeia e no meio do qual viveríamos sem suspeitar, as leis que o regem, suas relações com o mundo visível, a natureza e o estado dos seres que o habitam e, por conseqüência, o destino do homem depois da morte, é uma verdadeira revelação, na acepção científica da palavra.

Pela sua natureza, a revelação espírita tem um duplo caráter: ele provém simultaneamente da revelação divina e da revelação humana. Provém da primeira, no que seu advento é providencial, e não o resultado da iniciativa e de um intento premeditado do homem. Provém da segunda, pelo fato de que esse ensino não é privilégio de nenhum indivíduo, mas é dado a todos pela mesma via. Em resumo, o que caracteriza a revelação espírita é que sua fonte é divina, e que a elaboração é o resultado do trabalho do homem.

Quanto ao modo de elaboração, o Espiritismo procede exatamente do mesmo modo que as ciências positivas, quer dizer, ele aplica o método experimental. Apresentam-se fatos de uma nova ordem que não se podem explicar pelas leis conhecidas; ele os observa, compara-os, analisa-os e, remontando dos efeitos às causas, ele chega à lei que os rege; depois, ele deduz suas conseqüências e procura suas aplicações úteis. Não estabelece nenhuma teoria preconcebida. Assim, não colocou como hipóteses nem a existência e a intervenção dos Espíritos, nem o perispírito, nem a reencarnação, nem nenhum dos princípios da Doutrina; ele concluiu pela existência dos Espíritos quando essa existência sobressaiu com evidência da observação dos fatos. Não foram os fatos que vieram posteriormente confirmar a teoria, mas a teoria que veio subsequenteiramente explicar e resumir os fatos.

É, pois, rigorosamente exato dizer que o Espiritismo é uma ciência de observação, e não o produto da imaginação.

Nos capítulos seguintes Kardec debate o problema da existência de Deus, do Bem e do Mal, do Instinto e da Inteligência e da mútua destruição dos seres vivos, que tanto perturba o espírito humano; do papel da Ciência na gênese, da Uranografia Geral¹⁰, esboço Geológico da Terra, revoluções do globo, Gênese Orgânica, gênese espiritual, Gênese Moisaica, caracteres dos Milagres, os Fluidos, os Milagres dos Evangelhos, Teoria da Presciência, Predições dos Evangelhos, e Os Tempos são Chegados. Este último capítulo trata da nova geração que habitará a Terra na Era Nova, quando a Humanidade, tendo necessidades

¹⁰ Este capítulo foi extraído de uma série de comunicações ditadas por Galileu, na Sociedade Espírita de Paris, entre 1862 e 1863, através de Camille Flammarion.

e aspirações mais amplas, mais elevadas, compreende o vazio das idéias das quais está farta e a incapacidade das instituições para a sua felicidade... Da adolescência ela passa ao estado viril. O passado já não satisfaz seus novos anseios. Não pode ser mais conduzida pelos mesmos meios, não mais se contenta com ilusões e prestígio. A sua razão amadurecida exige alimentos mais substanciosos. O presente é demasiado efêmero. Ela sente que o seu destino é mais vasto e que a vida corpórea é demasiado restrita para encerrá-la toda... Finalmente, “O progresso moral, secundado pelo progresso intelectual, irmanará os homens numa mesma crença, alicerçada nas verdades eternas...”

O capítulo derradeiro de *A Gênese* é — no dizer de Hermínio Miranda — uma janela panorâmica aberta para o futuro”.

Dir-se-ia que Kardec, presentindo o final de sua existência corpórea, quis deixar registradas, nessa obra, palavras de esperança, de consolo e de esclarecimento à Humanidade sempre perdida em suas delirantes concepções!

Viagens e Projetos de Allan Kardec

A pedido dos espíritas de Lyon e Bordeaux, Allan Kardec fez, em setembro e outubro de 1862, uma longa viagem de propaganda, semeando por toda parte a boa nova e prodigalizando seus conselhos, mas somente aos que lhos pediam. O convite feito pelos grupos espíritas de Lyon estava subscrito por quinhentas pessoas. Nessa viagem de seis semanas Kardec presidiu a mais de cinqüenta reuniões em vinte cidades, onde por toda parte foi alvo do mais cordial acolhimento e sentiu-se feliz por constatar os imensos progressos do Espiritismo.

A respeito das viagens de Allan Kardec, tendo certas influências hostis espalhado o boato de que eram feitas à expensa da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas — SPEE, sobre cujo orçamento igualmente ele sacava todos os gastos de correspondência e de manutenção, o mestre rebateu assim essa falsidade:

“Muitas pessoas, sobretudo na província, pensaram que as despesas dessas viagens oneravam a Sociedade de Paris; tivemos de desfazer esse erro quando se ofereceu a ocasião. Aos que o pudessem ainda partilhar recordaremos o que afirmamos em outra circunstância (Revista Espírita, junho de 1862): que a Sociedade limita-se a prover às suas despesas correntes e não possui reservas. Os gastos de viagem são tirados dos nossos recursos pessoais e das nossas economias, aumentadas com o produto das nossas obras, sem o que ser-nos-ia impossível prover a todos os encargos, que são para nós a consequência da obra que empreendemos. Isto é dito sem vaidade e unicamente para render homenagem à verdade”

Aproveitando-se da época das férias, Allan Kardec fez, em setembro de 1864, uma viagem a Anvers e a Bruxelas. Expondo os espíritas belgas o seu modo de ver acerca dos grupos e sociedades espíritas, recorda o que já havia dito em Lyon, em 1861: *“Vale mais, portanto, haverem uma cidade cem grupos de dez a vinte adeptos, nenhum dos quais se arrogue supremacia sobre os outros, do que uma única sociedade que os reunisse”*. Os admiráveis sucessos do Espiritismo, seu incrível desenvolvimento lhe criaram inúmeros inimigos; e à proporção que ele se foi engrandecendo aumentou a tarefa de Allan Kardec. O mestre possuía uma vontade de ferro, um poder de combatividade extraordinário; era um trabalhador infatigável; respondia a tudo: às acusações dirigidas contra o Espiritismo, contra ele próprio, à

numerosa correspondência, atendia à direção da *Revista Espírita* e da SPEE e ao preparo de suas obras.

Esse excesso de atividade física e intelectual esgota-lhe o organismo. Repetidas vezes os Espíritos precisam chamá-lo à ordem, a fim de o obrigar a poupar-se. Ele, porém, sabe que não deve durar mais que uns dez anos: várias comunicações o preveniram desse termo e lhe anunciaram mesmo que sua tarefa não seria concluída senão em uma nova existência. Por isso ele não quis perder a ocasião de dar ao Espiritismo tudo o que pôde, em força e vitalidade.

Desde os primeiros anos do Espiritismo, Allan Kardec havia comprado, com o produto de suas obras pedagógicas, 2.666 metros quadrados de terreno na Avenida Ségur, atrás dos Inválidos. Tendo essa compra esgotado os seus recursos, ele contraiu um empréstimo de 50.000 francos com o Banco Foncier, destinado à construção, nesse terreno, de seis pequenas casas com jardim. Alimentava a esperança de recolher-se a uma delas, na Vila Ségur, tornando-a, depois de sua morte, num asilo onde seriam recolhidos, na velhice, os defensores indigentes do Espiritismo.

Em 1869, a Sociedade Espírita era constituída em novas bases e tornada Sociedade Anônima, com o capital de 40.000 francos, dividido em quarenta ações de 1.000 francos, para a exploração da livraria, da revista *Espírita* e das obras de Allan Kardec. A nova Sociedade deveria instalar-se na Rue de Lille n° 7, Paris.

Pierre Paul Didier — Editor de Allan Kardec

Os dados a respeito da vida de Pierre-Paul Didier são escassos. Encontramos alguns subsídios, a respeito, na *Revue Spirite*, nas

Memórias de um Astrônomo, de Camille Flammarion e em obras de autores editados pela Livraria Acadêmica.

Do “Grand Dictionnaire Universal du XX^e Siècle, por Pierre Larousse, tome sixième”, Paris, 1870, p. 774, 1^a e 2^a colunas, lê-se o seguinte:

Didier (Pierre-Paul), editor, nascido em Paris em 1800, morto na mesma cidade em 1865. Comprou a livraria Bôchet e soube logo ampliar seu comércio pelas publicações mais literárias e mais nobres. Em 1828, teve a feliz idéia de mandar estenografar, à medida que elas apareciam na Sorbonne, e publicar em fascículos, os cursos de História, Filosofia, Literatura ministrados com tanto sucesso por Guizot, Cousin e Villemain. Cada aula aparecia impressa no dia seguinte, logo após ter sido dada oralmente e com todos os movimentos provocados pela improvisação. Esta publicação teve o maior sucesso. Colocando-se em relação com o mundo do Instituto, Didier deu à sua livraria um caráter especial de livraria acadêmica, sem dar a este qualitativo uma idéia presunçosa, se bem que, exceto para os mestres, a literatura acadêmica faltasse um pouco de envergadura e novidade; é verdade que podemos considerar como mestres escritores tais como: os Augustin Thierry, os Guizot, os Villemain, os Cousin, os Mignet, os Ampère, os Jaubet, os Maury, os Villemarqué, etc. Didier editou, além disso, a Biblioteca de Educação Moral, o tesouro Numismático e a Revista Arqueológica.

De *A grande Encyclopédia* tomo XIV, Paris:

“Didier (Pierre-Paul) — Editor francês, nascido em Paris em 1800, morto a 02 de setembro de 1865. Sucedeu ao velho Bôchet e sua empresa teve um grande sucesso em 1828, pela publicação dos cursos estenografados de Villemain, Guizot e Couzin. Deu em seguida o nome

de Livraria Acadêmica e editou um grande número de obras de História e Literatura.

Em 1981, o Instituto Maria, de Juiz de Fora (MG), lança o livro *Velório*, onde se insere um trabalho de autoria do Sr. Francisco Thiesen, sob o título *Kardec e Flammarion Ante a Morte*, de P. P. Didier, em 1865:

“Encontro-me na Livraria Acadêmica Didier, que publicou as minhas primeiras obras:

A Pluralidade dos Mundos Habitados, Deus na Natureza, etc. Aí encontro os Srs. Cousin, Guizot, de Barante, de Montlambert, Lamartine, Maury, Mignet, Thiers...”¹¹

E Camille Flammarion, discorre, em estilo elegante, a respeito de sua amizade com P. P. Didier, dele conseguindo que o seu irmão Ernest Flammarion entrasse como empregado do famoso livreiro. Ernest seria, mais tarde, um dos maiores editores de Paris.

Em janeiro de 1866, a *Revue Spirite* publica o necrológio de Didier, de autoria de Kardec, sob o título *Morte do Sr. Didier, Livreiro-Editor*:

“O Espiritismo acaba de perder um de seus adeptos mais sinceros e dedicados, na pessoa do Sr. Didier, morto Sábado, 02 de dezembro de 1865. Era membro da Sociedade Espírita de Paris, desde a sua fundação em 1858, e, como se sabe, editor de nossas obras sobre a Doutrina. Na véspera, assistiu à sessão da Sociedade e, no dia seguinte às seis da

¹¹ Extraído de *O Desconhecido e os Problemas Psíquicos*, de Camille Flammarion, 3ª edição, FEB.

tarde, morria subitamente”.

O *Petit Journal* e o *Grand Journal* noticiaram, respectivamente:

“Nestes últimos tempos, o Sr. Didier tinha editado o Sr. Allan Kardec e tinha se tornado, por polidez de editor, ou por convicção, num adepto do Espiritismo”. “(...) Morto também o Sr. Didier, editor que lançou muitos livros bonitos e bons, na sua modesta loja do Quai de Grands-Augustin s. Nestes últimos tempos o Sr. Didier era adepto — e o que mais vale ainda — um fervoroso editor de livros espíritas. O pobre deve saber agora a que se ater sobre a Doutrina do Sr. Allan Kardec”.

É claro que Kardec não gostou dessas injustificadas críticas, e observou:

“É triste ver que nem mesmo a morte é respeitada pelos senhores incrédulos e que perseguem, com suas ironias, os mais honrados adeptos, até no além-túmulo”.

Camille Flammarion, afirma-se, teria sentido viva impressão ante o cadáver de Didier. No discurso que proferiu a 02 de abril de 1869, no cemitério de Montmartre, durante o sepultamento do corpo de Kardec, lembra o episódio:

“(…) vem-me à mente um dia sombrio do mês de dezembro de 1865, em que pronunciei palavras de supremo adeus junto à tumba do fundador da Livraria Acadêmica, do honrado Didier que, como editor, foi colaborador convicto de Allan Kardec, na publicação das obras fundamentais de uma doutrina que lhe era cara. Também ele morreu subitamente, como se o céu houvesse querido poupar a esses dois Espíritos íntegros o embaraço filosófico de sair desta vida por via

diferente da comumente seguida (...) Hoje maior ainda é a minha tarefa...”

Nas exéquias de P. P. Didier, a família contratou um sacerdote para a encomendação do corpo, embora soubesse das convicções espíritas do ilustre extinto, ao tempo em que permitiu que o nobre astrônomo Camille Flammarion discursasse à beira do túmulo do editor de Kardec. Foi, sem dúvida um enterro ecumênico — o encontro de valores e idéias inconciliáveis: de um lado velhas e surradas concepções dogmáticas; do outro, a lógica simples e meridiana dos princípios imortalistas!

Informa, a propósito, o pesquisador laponan Albuquerque da Silva, em excelente artigo na revista *Reformador*, da FEB:

“(...) No cemitério, Kardec manteve-se em silêncio. Didier não lhe dissera que ele falasse no sepultamento do seu corpo; a família também nenhum convite lhe fez. Uma colega de Kardec, ao sugerir-lhe que proferisse uma prece, recebeu dele a negativa”.

Houve quem não aprovasse a atitude de Kardec. Mas, em sessão da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, realizada no dia 08 de dezembro de 1865, seis dias depois do enterro, Kardec justificou-se, nestes termos:

“Crede bem, senhores, que eu tenho no coração, tanto quanto qualquer outro, os interesses da Doutrina e que, quando faço ou não faço uma coisa, é com madura reflexão e depois de ter pesado suas conseqüências. (...) Sem dúvida, era agradável para mim (um convite de pessoas que não o conheciam); mas de parte dessas pessoas, era enganar-se redondamente, quanto ao meu caráter, pensar que um

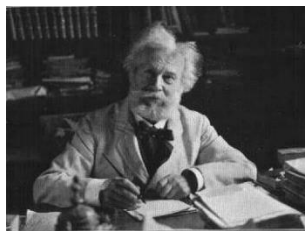
estimulante do amor próprio pudesse excitar-me a falar para satisfazer a curiosidade dos que tinham vindo por outro motivo que não o de render homenagem à memória o Sr. Didier. Essas pessoas ignoram, sem dúvida, que se me repugna impor-me. Também não gosto de posar”.
(Vide Revista Espírita de janeiro de 1866).

Em 1868, Pierre-Paul Didier transmitiu mensagem do mundo espiritual, dirigida a Allan Kardec:

“No que me concerne, felicito-me por tê-lo encontrado em meu caminho, o que devo, sem dúvida, à existência dos bons Espíritos!”

“É com toda a sinceridade que digo, confessa Kardec, que nele o Espiritismo perdeu um apoio e eu um editor tanto mais precioso quanto, entrando perfeitamente no espírito da Doutrina, tinha verdadeira satisfação em a propagar”.

O Espírito encarnado, neste plano corpóreo, sob o nome de Pierre-Paul Didier, cumpriu à risca e com total satisfação a sua tarefa junto ao Codificador do Espiritismo.



Camille Flammarion

A Desencarnação de Allan Kardec

Denizard Hippolyte Léon Rivail, Allan Kardec, desencarnou aos 65 anos, em Paris, Passage Saint-Anne, 59, 11^a circunscrição, que pertencia ao “roidissement” e Maire de Ia Banque, no dia 31 de março de 1869. A causa da morte deveu-se ao rompimento de um aneurisma. O Professor estava de mudança para a Vila Ségur. Madame Allan Kardec (à época com 74 anos) tinha estado ocupada em encaixotar louças e cristais, as camas já tinham sido desmontadas e saíra às compras, como qualquer dona de casa. Foi quando um mensageiro do livreiro Didier veio procurar alguns números da *Revue*. Kardec, de chinelos e envolto em seu “chambre⁵, ergueu-se para entregar o pacote e caiu fulminado sobre a sua familiar mesa de carvalho.

Em carta datada de 31 de março de 1869, o Sr. E. Muller, grande amigo do Codificador, relata ao confrade Sr. Finet a desencarnação de Allan Kardec:

“Sozinho, em sua casa, Kardec punha em ordem seus livros e papéis para a mudança que se vinha processando e a pretendia terminar no dia seguinte (1^o de abril). Seu empregado, aos gritos da criada e do caixeiro da livraria, correu ao local, ergueu-o ... nada, nada mais! Delanne (Alexandre Delanne, pai de Gabriel Delanne) acudiu com toda a presteza, friccionou-o, magnetizou-o (passes), mas em vão. Tudo estava acabado.

“Venho vê-lo. Penetrando a casa, com móveis e utensílios diversos atravancando a entrada, pude ver, pela porta aberta da grande sala de sessões, a desordem que acompanha os preparativos para uma mudança de domicílio; introduzido numa pequena sala de visitas, que conheceis bem, com seu tapete encarnado e seus móveis antigos,

encontro a Sra. Kardec assentada no canapé, de face para a lareira; ao seu lado, o Sr. Delanne; diante deles; sobre dois colchões colocados no chão, jazia o corpo, restos inanimados daquele que todos amamos... parecia repousar docemente e experimentar a sua e serena satisfação do dever cumprido.

“Tudo isso era triste, e, entretanto, um sentimento de doce quietude penetra-nos a alma...”

Uma segunda carta de E. Muller, constitui precioso documento histórico sobre os trâmites que se sucederam após a desencarnação de Allan Kardec:

Paris, 04 de abril de 1869.

Amigos (espíritos de Lyon):

Uma grande folha de papel: enchê-la-ei esta noite?

Curvado, abatido, começo apenas a despertar de uma emoção muito natural.

Pareceu-me ter estado a sonhar; entretanto, tal não ocorreu e não posso ter o consolo de uma ilusão. Tudo é realidade, verdade brutal sancionada por um fato. Mas sou feito de molde a que meu pensamento não pode se acostumar à idéia de que ele já não existe. — Que ele já não existe: compreendeis bem o que minha pena deseja dizer? Pois o que penso meu coração desmente o que ela exprime. Entretanto, é bem verdade! Sexta-feira nos dirigimos ao campo de repouso, conduzindo os seus despojos mortais e o lúgubre ruído da terra cobrindo o seu caixão repercutiu em ecos no meu coração. Que vos direi? Sofri e não chorei?

Minha intenção — a triste cerimônia fúnebre realizada! — era a de vos escrever logo em seguida; porém, o meu pensamento paralisado e o meu organismo abatido não permitiram que meu coração tivesse esse doce consolo; eu não pude fazê-lo!

Eis, todavia, na medida em que minhas lembranças podem ser exatas, as circunstâncias da cerimônia:

Precisamente ao meio dia (02 de abril de 1869) o cortejo se pôs a caminho. Um carro mortuário modesto, único, abria-o arrastando-o após si, docemente comprimida, a multidão numerosa composta por todos aqueles que puderam se encontrar nessa última reunião. O acompanhamento fúnebre foi conduzido por Sr. Levent, vice-presidente da Sociedade; vinham em seguida os médiuns, a comissão, a Sociedade de Paris inteira; em seguida, a multidão de amigos, simpatizantes, os interessados de toda espécie; os empregados e pessoas desocupadas fechavam o cortejo, ao todo mil ou mil e duzentas pessoas.

O carro fúnebre seguiu pela Rua de Grammont, atravessou os grandes “boulevards”. A Rua Laffite, Notre-Dame-des-Lorrettes, a Rua Fontaine, as avenidas exteriores de Clichy e penetrou no cemitério de Montmartre em meio à multidão que o seguia. Bem longe, ao fundo, mais longe ainda, nos limites do cemitério, uma vala escancarada aguardava o seu ocupante, e os curiosos romperam as filas para ouvir os discursos (pobres criaturas!). As cordas do coveiro envolveram o caixão que desceu lentamente ao fundo do abismo. Um grande silêncio se fez. O vice-presidente da Sociedade, se aproximou da vala e sua voz emocionada, compenetrada, convicta, em nome da Sociedade, solicitou ao morto o prosseguimento de seus conselhos e lhe disse não um Adeus, mas um Até Breve. Camille Flammarion, sobre um pequeno cômodo, ali

existente, tomou a palavra em nome da Ciência unida ao Espiritismo, e, de enérgica maneira, afirmou, aos olhos de todos a fé que o anima. Em seguida foi a vez de Alexandre Delanne, que, falando em nome de nossos irmãos da província, prometeu ao Espírito Allan Kardec que todos seguiríamos a rota por ele tão laboriosamente traçada. Um quarto e último discurso foi pronunciado por nosso colega, o Sr. Barrot. Cada orador, dirigindo-se ao Espírito Allan Kardec dizia-lhe: ‘Velai por nós, velai por vossas obras, vós que hoje possuis toda a liberdade’.

Nada nas palavras desses oradores lembrava essas tristes orações fúnebres que fazem o coração desesperar por suas palavras: ‘Adeus, eu não te verei nunca mais!. Longe de nós esse triste pensamento; o Espiritismo fornece-nos uma consolação maior e todos os discursos sobre a tumba do mestre terminaram por animadoras palavras: ‘Até logo querido amigo de nossos corações, até nos revermos em um mundo melhor! E possamos nós, como tu, cumprir com a nossa missão na Terra’.

Em seguida a multidão se dispersou, retornando aos seus afazeres ou às suas reflexões. A Sociedade deveria se reunir na Rua Sant’Anne para solicitar uma evocação: assim sendo os seus membros individualmente para lá voltaram sem demora.¹²

¹² Conta André Moreil em *Vida e Obra de Allan Kardec*: como era de prever e por intermédio de diversos médiuns, o Espírito Allan Kardec dita algumas instruções: “Como posso agradecer, meus senhores, os bons sentimentos e as verdades eloquentemente expressas sobre os meus despojos mortais? Certamente não duvidais que ali estava presente e me sentia profundamente feliz, sensibilizado pela comunhão de pensamentos que nos unia de coração e de espírito. Recomenda aos amigos que se mantenham no bom caminho do Espiritismo. Sua última palavra é: Deus.

Seis comunicações foram obtidas.

Muito vosso,

Muller.

Todos os jornais da época se ocuparam com a morte de Allan Kardec e procuraram medir-lhe as conseqüências. Eis o que escreveu o Sr. Pagès de Noyez, no *Journal de Paris*, de 03 de abril de 1869:

“Aquele que por longo tempo ocupou o mundo científico e religioso sob o pseudônimo de Allan Kardec chamava-se Rivail e morreu na idade de 65 anos. Vimo-lo deitado num simples caixão, no meio dessa sala de sessões que há tantos anos ele presidia; vimo-lo com o semblante calmo como se extinguem aqueles a quem a morte não surpreende e que, tranqüilos quanto ao resultado de uma vida honesta e laboriosamente preenchida, imprimem como que um reflexo da pureza de sua alma sobre o corpo que abandonaram.

“Resignados pela fé em uma vida melhor, e pela convicção da imortalidade da alma, inúmeros discípulos tinham vindo falar um derradeiro olhar àqueles lábios descorados que ainda na véspera lhes faltavam a linguagem da Terra.

“O presidente da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas está morto, mas o número dos adeptos cresce todos os dias, e os corajosos que o respeito pelo mestre deixava no segundo plano não hesitarão em se evidenciar, por bem da grande causa”.

As Disposições da Viúva De Kardec

Uma semana após a morte de Allan Kardec, a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas (que seria denominada Sociedade para a continuação das obras espíritas de Allan Kardec) organiza a sua diretoria de sete membros, composta pelos Srs. Lavent, Malet, Canaguier, Ravan, Desliens, Delanne e Tailleur. É o Sr. Malet que se torna presidente.

Por sua vez, a Sra. Amélie Gabrielle Boudet, viúva de Allan Kardec, então com 74 anos e única proprietária legal das obras e da “*Revista Espírita*” decide:

1. Doar, cada ano, à caixa Geral do Espiritismo, o excedente de lucros provenientes seja da venda de livros espíritas, seja das assinaturas da Revista, seja das operações da livraria espírita; mas sob a condição expressa de que ninguém como membro do Comitê Central¹³ ou qualquer outro título, tenha o direito de se imiscuir nesse negócio e que as doações, sejam quais forem, sejam recebidas sem comentários, visto que ela, viúva, pretende dirigir tudo pessoalmente, ordenar

¹³ No ano de 1868, Kardec escreve o que André Moreil chamou de “Testamento Filosófico”. Este documento trata da nova organização da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, incluindo a criação de um Comitê Central, cujas atribuições seriam: cuidar dos interesses da Doutrina e da sua propagação; estudar os novos princípios, susceptíveis de entrar no corpo da Doutrina; centralizar todos os documentos; tratar da correspondência; dirigir a Revista; examinar e apreciar as obras, artigos de jornais e quaisquer escritos que interessem à Doutrina; publicar obras fundamentais da Doutrina; redigir e publicar aquelas obras das quais deixarei os planos e que não terei tempo de publicar em vida; fundar e conservar a biblioteca, os arquivos e o museu; administrar a caixa de socorro, o dispensário e a casa de retiro; administrar os assuntos materiais; dirigir as sessões da Sociedade; tratar do ensino oral; visitar e fornecer instruções às reuniões e sociedades particulares que se colocarem sob o seu patrocínio; convocar congressos e assembléias gerais. Aí está lançada, por Kardec, a idéia de constituição das organizações federativas espíritas que encontraram, no Brasil, a sua consolidação.

as reimpressões de obras, as publicações novas, regularmente como lhe convier os emolumentos dos empregados, o aluguel, as futuras despesas, em suma, todos os gastos gerais.

2. A *Revista* publicará todos os artigos que o Comitê Central julgar úteis à causa do Espiritismo, mas sob a condição de que serão primeiramente sancionados pelo proprietário e pelo Comitê da redação, como sucede em qualquer outra revista.
3. A caixa geral do Espiritismo é entregue às mãos de um tesoureiro, encarregado da gerência dos fundos, sob o controle do Comitê diretor. Até que definitiva, esses fundos serão aplicados na compra de bens de raiz, a fim de fazer face a qualquer eventualidade.

A viúva de Allan Kardec faleceu em 21 de janeiro de 1883, aos 89 anos de idade.

Instruções do Dr. Antoine Demeure sobre a saúde de Allan Kardec

A morte de Allan Kardec, ocorrida a 31 de março de 1869, foi consequência de uma antiga lesão. O Espírito Antoine Demeure, médico desencarnado a 25 de janeiro de 1865, ditara ao Codificador, em 1º de fevereiro de 1865, a propósito do socorro que lhe prestara, o seguinte:

“(...) tende coragem e confiança em nós, porquanto essa crise, apesar de ser fatigante e dolorosa, não será longa e, com os conselhos prescritos, podereis, conforme desejais, completar a obra que vos propuseste como fito de vossa existência”.

No dia seguinte, 02 de fevereiro de 1865, o Dr. Demeure transmite outra mensagem, nestes termos:

“Sou eu, Demeure, o amigo do Sr. Kardec. Venho dizer-lhe que o acompanhava quando lhe sobreveio o acidente. Este seria certamente funesto sem a intervenção eficaz para qual me ufano de haver concorrido. De acordo com as minhas observações e com os informes colhidos em boa fonte, é evidente para mim que, quanto mais cedo se der a sua desencarnação, tanto mais breve reencarnará para completar a sua obra. É preciso, contudo, antes de partir, dar a última demão às obras complementares da teoria doutrinai de que é o iniciador. Se, portanto, por excesso de trabalho, não atendendo à imperfeição do seu organismo, antecipar a partida para cá, será passível da pena de homicídio voluntário (“...compabile d’homicide volontaire...”). É mister dizer-lhe toda a verdade, para que se previna e siga estritamente as nossas prescrições”.

O Dr. Canuto Abreu, em carta dirigida ao Sr. Thiesen (vide *Reformador* de março de 1977, página 14) transcreve uma carta de Allan Kardec dirigida a um amigo belga, o Sr. Judermuhle, referente à comunicação do Sr. Antoine Demeure. Eis o teor da missiva do Codificador:

“A Monsieur Jundermuhle. Depuis le 31 janvier (1865), j’ai été très sérieusement malade par suite de la fatigue causée par excès de travail. J’ai eu un rhumatisme interne qui s’est porté au cœur et aux poumons, et qui a nécessité beaucoup de soins. Je n’ai pas encore mis les pieds hors de la chambre, mais à présent je vais mieux et suis hors d’affaire, à condition d’être plus prudent à l’avenir. Je pense d’ici à peu de temps pouvoir reprendre le cours de mes travaux forcément interrompus”.

Eis a tradução da carta de Kardec:

“Ao Senhor Judermuhle. Desde o dia 31 de janeiro (1865) que tenho estado seriamente doente, em razão da fadiga que me trouxe o excesso de trabalho. Fui acometido de um reumatismo interno que se estendeu ao coração e aos pulmões, exigindo muitos cuidados. Sequer pus os pés fora do quarto, embora esteja presentemente melhor, mas afastado do trabalho, condicionado a maior prudência a partir daqui. Cogito de, dentro em breve, estar apto a retornar o ritmo de minhas atividades, interrompidas por força das circunstâncias”.

O Testamento Moral de Allan Kardec

(Escrito alguns dias antes de sua desencarnação)

A *Revue Spirite* dedicou sua edição de 1º de maio de 1887 às comemorações do aniversário de desencarnação de Allan Kardec, realizadas no dia 03 de abril daquele mesmo ano, junto à tumba do Codificador no Père-Lachaise, em Paris.

Na oportunidade, discursou, dentre outros, Pierre Gaetan Leymarie, destacando-se os trechos a seguir:

“Allan Kardec, em seus derradeiros pensamentos, aqueles que ele não pôde retocar, registra que sofreu a paixão que animou os homens de sua equipe; cansado da luta, fatigado pelas insinuações malévolas, desiludido, ele deixou a Sociedade de estudos que criara, após exonerar-se do cargo de presidente, não pretendendo dedicar-se a coisas estáveis senão depois de um ano de repouso. Sobre um terreno da Vila Ségur, desejava construir uma casa de trabalho com uma sala de reuniões; carecia de homens de boa vontade, instruídos, modestos, empregados

residentes e pagos, que, sob a vista de uma direção, dessem seguimento ao trabalho espírita. Fala de 30.000 francos de rendimentos para começar a pôr seu plano em ação, e de uma soma superior mais tarde; infelizmente, os que deviam ajudar financeiramente esqueceram suas promessas...”

Em seguida, Pierre Gaetan Leymarie transcreve as reflexões de Allan Kardec, escritas dias antes de desencarnar:

“Não me incumbe, decerto, fazer o inventário do bem que fiz; mas num momento em que tudo parece esquecido, é permitido, creio eu, evocar à minha lembrança que minha consciência me diz que nenhum mal fiz a ninguém, que fiz todo bem que pude; e, se alguma ingratidão me foi feita, não poderá ser para mim motivo para também fazê-la. A ingratidão é uma das imperfeições da Humanidade, e como nenhum de nós está isento de reproches, devemos fazer aos outros o que fazemos a nós próprios, a fim de podermos dizer, como Jesus: ‘Quem estiver sem erro que atire a primeira pedra’. Continuarei, portanto, a fazer todo o bem que puder, mesmo aos meus inimigos, porque o ódio não me cega e eu os terei sempre à mão para livrá-los de um mau passo, se a ocasião se apresentar. Compreendo uma crença que nos manda fazer o bem pelo mal, por mais forte razão, o bem pelo bem. Não entenderei jamais que nos prescrevam fazer o mal pelo mal. A paixão é má conselheira, que nos cega e nos leva a cometer somente atos irrefletidos que lamentaremos mais tarde. Há poucos exemplos, creio eu, de pessoas que se felicitam pelo que fizeram num primeiro momento de exaltação”.

Leymarie, após a leitura, comenta:

“Estas palavras do mestre, meus irmãos em Espiritismo, merecem ser, meditadas. Nossa Sociedade Científica de Espiritismo as adota

integralmente, e recomenda a todos os seus membros e a todos os espíritas, sem exceção, que sejam tolerantes e brandos, perseverantes e lógicos, como foram o Sr. e a Sra. Allan Kardec”.

Na mesma solenidade, o Espírito Cáritas deu, através da mediunidade de Laurent de Faget, a seguinte comunicação:

“Vós louvais um homem, o colocais o escudo da probidade. Sabeis bem como ele mereceu as homenagens que se lhe tributam, que linha de conduta observou, que benefícios espargiu sobre a Humanidade.

“Por que louvais Allan Kardec? Porque ele rasgou o caminho que trilhais, porque foi ele o pioneiro convicto e infatigável de vossa querida Doutrina, colocada entre o falso espiritualismo, que degrada a verdade e o materialismo que a encobre”.

O Dólmen de Kardec

Após as exéquias de Allan Kardec, reuniram-se os membros efetivos da Sociedade Espírita de Paris e decidiram mandar construir um monumento que simbolizasse o reconhecimento dos espíritas à memória do mestre.

Estabeleceu-se, com a concordância de Madame Allan Kardec, que o monumento seria simples e que recordasse o pseudônimo gaulês. Pensaram, então, nas edificações sepulcrais célticas. Essas construções, que despertam a atenção dos estudiosos, cobrem uma parte ponderável do solo bretão, atingindo a Europa Ocidental, a bacia do mediterrâneo, o Irã, a Líbia, a Índia, o Extremo Oriente, pressupondo que seu uso era universal.

Projetada, pois, a construção de um dólmen, confiara esse trabalho ao escultor francês Charles-Romain Capellaro, expositor premiado nos salões parisienses, desde 1860, e que era simpático às concepções espíritas. Adquiriu-se no Cemitério do Père-Lachaise em terreno situado na confluência das duas aldeias (44^a divisão) e a uma altitude onde se descortina toda a necrópole.

Concluída a obra, exumaram-se os despojos de Allan Kardec, procedendo-se ao seu traslado do cemitério de Montmartre para a nova morada. No dia 31 de março de 1870, pelas duas horas da tarde, os espíritas franceses inauguravam o monumento dolmênico, erguido em memória do Codificador da Doutrina Espírita. O túmulo, de impressionante simplicidade, “fala aos olhos e à alma a linguagem dos séculos desaparecidos, evocando a lembrança das antigas gerações que consagraram, por seu culto e por suas sepulturas, as crenças reencontradas pelo Espiritismo moderno”.

Na inauguração do dólmen de Kardec, discursaram, emocionados Levent, Desliens, Leymarie e Guilbert.

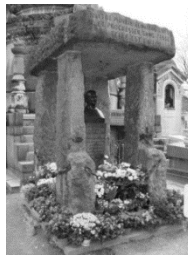
O monumento sepulcral do mestre de Lyon é constituído de três pedras de granito bruto, em posição vertical (esteios), sobre as quais repousa uma Quarta pedra tubular (mesa) em suave declive para trás, de modo a delimitarem, todas elas, um espaço (câmara), de cujo centro se eleva um pedestal quadrangular, igualmente de granito, no topo da qual está colocada a herma, em bronze, de Allan Kardec, executada por Capellaro.

Na face dianteira do referido pedestal lêem-se as seguintes inscrições: “Fondateur de la Philosophie Spirite — Tout effet a une cause. Tout effet intelligent a une cause intelligent. La puissance de la

cause est en raison de la grandeur de l'effet — 3 October 1804 - 31 Mars 1869”.

No bordo frontal da pedra, que pesa seis toneladas, e serve de teto, se inscreveu o apotegma que sintetiza, magistralmente, a doutrina kardequiana de justiça e progresso: NAITRE, MOURIR, RENÂITRE ENCORE ET PROGRESSER SANS CESSER TELLE EST LA LOI.

Nesse mesmo Dólmen foi sepultado, em 1883, o corpo da veneranda companheira do Codificador, gravando-se, na face esquerda do pedestal que sustenta o busto de Kardec, o nome da viúva: Amélie Gabrielle Boudet, seguido das respectivas datas de nascimento e desencarnação.



Dólmen de Allan Kardec

Origem da Sentença “Nascer, Morrer, Renascer Ainda e Progredir Sem Cessar, Tal É A Lei”

No Dólmen de Allan Kardec se insculpiu uma sentença admirável, que encerra a própria essência ética e filosófica do Espiritismo:

Naitre, mourir, renaitre encore et progresser sans cesse, telle est la loi.

O verbo “viver”, encontrado em alguns escritos, não integra a frase original, acrescentada por alguém, no Brasil, há muito tempo, pretendendo — quem sabe? — completar a inspirada sentença.

Há quem garanta que a frase é de Kardec. Parece que ela teria sido da lavra de um dos discípulos do Codificador do Espiritismo. Entretanto, ela é encontrada em diferentes escritos, de diversos autores, em diversas datas. Ei-la na obra *Cle de la Vie*, de Louis Michel, organizada por C. sardou e L. Pradel Editores, Paris, datada de 1º de agosto de 1857:

“Saturées de l’aimant, divin, de l’amour divin, des provision divines de toute nature, les âmes solaires, par cet aimant, par cet amour, par tous ces divers agents célestes, font naître, libre, circuler, évoluer, murir, se transformer, monter au chemin ascendant, leurs soleils et leurs planètes, et, par les âmes de ces dernières font joindre des mêmes avantages la plus obscure image de Dieu elle-Même, l’homme rest, encore, en dehors de l’unité; dès qu’il consent à s’y prêter un peu”.

Em discursos pronunciados pelo Sr. Sabó, no dia 14 de outubro de 1861, na reunião Geral dos Espíritos de Bourdeaux na presença de Kardec:

“(…) pour aller à lui, faut naître, mourir et renaître jusqu’à ce qu’on soit arrivé aux limites de la perfection (...) (*Revue Spirite, 1861*).

Ainda se pode citar, aqui, a tradução que Camille Seldon (pseudônimo de Élise Krinitz) fez do romance de J. W. Goethe: *Die Wahlverwantschaften*, 1809. Na segunda tradução, sob o título *Les Affinités Electives*, publicada em Paris pelos Editores G. Charpentier e E. Fasquelle, com prefácio da tradutora, datado de janeiro de 1872,

registra-se, na página 78, esse período de discurso que um pedreiro proferira no lançamento da pedra fundamental de uma casa:

“Naitre pour mourir, mourir pour renaitre, telle est la loi universelle. Les hommes sont soumis à bien plus forte raison leurs travaux”.

Deve-se esclarecer que esta frase não consta, em verdade, do original alemão do romance de Goethe, que apenas fala de efêmera passagem das coisas deste mundo inteiramente de acordo com o original alemão está a tradução, em português, feita em 1948, por Conceição G. Sotto Maior, editada pelos irmãos Pongetti.

Será que Camille Seldon teve conhecimento da sentença insculpida no Dólmen de Kardec? Parece que não. Na verdade, a notável sentença havia muito andava no ar e fôra “soprada”, acredita-se, aos ouvidos da tradutora.

O Cemitério Père-Lachaise — Sua História e seus Mistérios

“Nenhum outro lugar do mundo, reservado aos mortos, evoca com tanta força e grandeza as paixões, manias, glórias e misérias dos vivos quanto o cemitério Père-Lachaise, em Paris”

Rosely Forganés

O Père-Lachaise ocupa um enorme espaço, a maior área verde de Paris, 44 hectares e 6 mil árvores, onde 3 milhões de visitantes por ano promovem uma procissão interminável entre as suas 110 mil sepulturas.

- Para quem aprecia comparações: a Torre Eiffel e o Museu do Louvre, símbolos imorredouros de Paris, recebem ambos 5 milhões de visitantes.

Circulam rumores de que o Père-Lachaise é ainda mais animado durante a noite do que de dia. Missas negras, rituais satânicos, sacrifícios humanos são realizados por confrarias misteriosas que entram no cemitério por passagens secretas. No célebre “campo santo” mais vale ser artista do que Presidente da República. Vários Chefes de Estado franceses têm seus corpos ali sepultados, em mausoléus grandiosos, revestidos de reluzente granito. Mas nada se compara ao carinho e devoção que recebem Allan Kardec, Frederic Chopin, Edith Piaf ou o genial poeta Oscar Wilde. O público admira-os e a tantos outros que, na vida, escreveram belas e nostálgicas páginas de rara inspiração, ao gosto dos mais legítimos anseios espirituais.

A Origem do Père-Lachaise

Quando o Père-Lachaise foi criado por Napoleão Bonaparte, em 1804, o que se pretendia era erradicar o hábito de sepultar os mortos perto das igrejas. Paris, à época, já enfrentava o problema de espaço. Com a Revolução Francesa (1789), seguida pelos anos de terror (que pôs por terra os luminosos princípios da histórica ressurreição), quando a guilhotina funcionou, furiosamente, decapitando milhares de cabeças de nobres, intelectuais, políticos e plebeus, o problema se agravou. Além do mais surgiram as epidemias, resultado do volume de sepultamento nos ambientes fechados das igrejas. Às vezes, os mortos, por falta de lugar, eram empilhados nas capelas, até que se encontrasse, nos templos, espaços para eles.

Napoleão incumbiu Alexandre Théodore Brongniant (Paris, 1739 - id. 1813) arquiteto e urbanista, aluno do célebre J. F. Blondel e representante de um austero neoclassicismo. Ele desenhou uma necrópole modelo. No início, foi um fracasso. Muita gente não queria

enterrar os seus mortos naquele cemitério tão distante de Paris. Para convencer os mais renitentes, Napoleão Bonaparte deu início a uma campanha publicitária (marketing funerário), anunciando que o Père-Lachaise seria sua última morada, bem como de todos os seus célebres generais mortos dali em diante. Depois começou a transferir para a nova necrópole os restos mortais de pessoas famosas, para prestigiar o local. La Fontaine (Jean de), desencarnado em 1695, autor de notáveis obras, em que se destacam as “Fábulas” que conseguiu unir, harmonicamente, a arte e a natureza. Molière (Jean-Baptiste Poquelin), desencarnado em 1673, dramaturgo, criador da “comédia-balé”. Sua mais expressiva obra é *O Burguês Gentil-Homem*, encenada em 1670, em Paris. Boileau (Nicolas), desencarnado em 1669, era profundo admirador de Molière. Sua obra capital é *Sátiras* em que fustigava as modas literárias e os lugares comuns na arte e na poética. Racine (Jean), poeta dramático francês, desencarnado em 1699, tornou-se símbolo da perfeição da tragédia clássica, em que desponta, em plano superior luta inexpiável do pai e do filho que é a de Deus e da criatura.

Há quem ponha em dúvida que esses consagrados gênios tiveram seus restos mortais trasladados para o Père-Lachaise. A campanha napoleônica, entretanto, funcionou. O cemitério foi inaugurado com o sepultamento do corpo de uma criança de cinco anos, filha de um humilde tocador de sino. Acresce, porém, que o corpo de Napoleão ali não “repousa” mas se encontra sob uma cúpula de ouro nos Inválidos, museu militar de Paris. Em compensação, sete das favoritas do Imperador dos Franceses têm suas tumbas no Père-Lachaise.

Todavia, quem mais contribuiu para a celebridade do cemitério foi o escritor Honoré de Balzac, que ali sepultava todas as suas personagens. Há, ainda, quem procure entre as alamedas do Père-Lachaise o túmulo

desta ou daquela personagem criada pelo autor de *A Comédia Humana*. Trabalho em vão. Mas o curioso pode encontrar o jazigo perpétuo da família Balzac, onde se depositou, em 1850, o corpo do grande ficcionista francês.

A Origem do Nome

Quem deu o nome à necrópole foi o padre confessor de Luís XIV. Ele morava no local muitos anos antes de Napoleão pensar em construir um cemitério. Embora leve o nome desse religioso católico, o cemitério sempre foi laico, acolhendo pessoas de todos os credos e de todas as tendências filosóficas — há túmulos budistas, muçulmanos, israelitas e até zoroastrianos, adoradores do masdeísmo.

Em 1871, o Père-Lachaise foi palco de sangrenta batalha. Os últimos defensores da Comuna (tentativa revolucionária feita pelos setores operários franceses, para assegurar a gestão dos negócios públicos, num âmbito municipal e sem interferência do Estado) que existiu entre 18 de março de 1871 e 28 de maio de 1871, ao se refugiarem no Père-Lachaise, foram fuzilados lá mesmo pela repressão, junto a um muro (O Mur des Federés), que até hoje é objeto de peregrinação de pessoas vindas de várias partes do mundo.

Atualmente, as sepulturas mais visitadas são, pela ordem, as de Allan Kardec, cujo corpo repousa em importante dólmen celta; Jim Morrison, o ex-cantor da banda americana *The Doors*, cujo verdadeiro nome era James Douglas; Edith Piaf, Chopin e Marcel Proust. Várias sepulturas no Père-Lachaise deram origem a cultos e ritos particulares. A do jovem jornalista francês Victor de Noir tem a mais delirante das histórias. Em 1870, aos 22 anos, ele era um dos homens mais bonitos e corajosos de seu tempo. Foi morto a tiros ao entrar no escritório do

príncipe Pierre Bonaparte. O crime provocou uma comoção nacional. O féretro do inditoso jovem transformou-se em severo protesto político, de que participou o escritor e poeta Victor Hugo.

Sobre o túmulo do jovem jornalista construiu-se uma estátua representando o extinto deitado, no momento da morte, com o detalhe da sua cartola tombada ao lado.

O Père-Lachaise também abriga as cinzas de muitos que morreram nos fornos crematórios de Auschwitz, por força de um dos mais cruéis e delirantes regimes político-militares da História da Humanidade.

Recomendamos a leitura da obra *Esoterisme, Médiuns, Spirit du Père-Lachaise*, de autoria de Vicente de Langlade, edições Vermet.

Alexandre Delanne traça o perfil moral de Kardec, no momento em que se inaugura o seu dólmen em 1870

Em 31 de março de 1870, às duas horas da tarde, grande número de espíritas encheu o famoso cemitério Père-Lachaise, colocando-se em torno do monumento dolmênico erguido para honrar a memória do sábio Codificador da Doutrina Espírita.

Inaugurava-se a nova morada dos despojos do saudoso extinto, e vários discursos foram pronunciados, exprimindo todos os oradores “com a eloquência do coração, os sentimentos de reconhecimento e os testemunhos de gratidão dos espíritas presentes e ausentes”.

Alguns companheiros de Kardec, como não puderam comparecer a essas manifestações de carinho, remeteram belíssimas cartas, em que se destaca a de autoria de Alexandre Delanne, amigo dedicado do mestre lionês:

Rouvray, 30 de março de 1870.

Senhores e amigos,

Faz um mês que estou no campo, buscando restabelecer a minha saúde fortemente abalada por seis meses de doença. Tive ciência, através de uma carta de Madame Delanne, que, amanhã ireis inaugurar o monumento do vosso venerado mestre Allan Kardec. Seria grande felicidade para mim estar entre vós, a fim de assistir a essa tocante cerimônia e prestar homenagem, de viva voz, uma vez mais, a este espírito de elite que, ao me infundir a fé esclarecida, deu-me ao mesmo tempo a serenidade e a resignação tão necessárias nesta Terra de provações.

Mas, se a distância e o esgotamento de minhas forças não me permitem acompanhar-vos pessoalmente, crede que meu coração não permanece insensível, e que meu pensamento livre, malgrado a impotência do meu corpo, irá unir-se ao vosso.

Ninguém saberia, melhor que eu, reconhecer as raras qualidades de Allan Kardec e render-lhe a devida justiça. Vi, muitas vezes, em minhas longas viagens, o quanto era ele amado, estimado e compreendido por todos os adeptos. Todos desejavam conhecê-lo pessoalmente a fim de lhe agradecerem o lhes ter dado a luz por intermédio de suas obras e lhe testemunharem sua gratidão e seu completo devotamento. Eles o amam, até hoje, como a um verdadeiro pai¹⁴. Todos proclamavam o seu gênio e reconhecem o mais profundo

¹⁴ O autor teve a oportunidade de, visitando o dólmen de Kardec em abril de 1994, observar as inúmeras pessoas que ali iam para reverenciar o “Pai Kardec”. Essas pessoas eram originárias de várias partes do mundo.

dos filósofos modernos. Mas, estarão eles em condições de apreciá-lo em sua vida privada, isto é, por seus atos? Puderam eles avaliar a bondade de seu coração, avaliar seu caráter tão firme quanto justo? A benevolência de que usava em suas relações, sua prudência e sua extrema delicadeza? Não!

Pois bem, senhores, é a esse respeito que hoje vos quero falar do autor de **O Livro dos Espíritos**, visto que por muitas vezes fui testemunha de algumas de suas boas ações, e, a este propósito, algumas citações talvez não sejam inconvenientes aqui.

Como um dos meus amigos o Sr. P..., de Joinville, me veio ver, fomos juntos a Vila Ségur fazer uma visita ao mestre. Durante a palestra, o Sr. P., teve a ocasião de narrar a vida de privações por que passava um de seus compatriotas, ancião a quem tudo faltava, que não tinha mesmo vestes próprias para proteger-se do inverno, sendo forçado a abrigar seus pés em tamancos grosseiros. Este bom homem, entretanto, longe estava de se lamentar e, sobretudo, de solicitar auxílios: era um pobre envergonhado (uma brochura espírita, que lhe caíra sob os olhos, permitira-lhe beber na Doutrina a resignação para as suas provas e a esperança de melhor futuro). Vi, então, rolar dos olhos de Allan Kardec uma lágrima de compaixão, e, confiando ao meu amigo algumas moedas de ouro, disse-lhe: “Levai, para que possais prover as necessidades mais presentes do nosso protegido, e, já que ele é espírita, e as economias dele lhe não permite instruir-se quanto ele desejaria, voltai amanhã; entregar-vos-ei, juntamente com as minhas obras, todas aquelas que eu puder dispor em proveito dele”. Allan Kardec cumpriu sua promessa, e o velho abençoa, hoje, o nome do benfeitor que, não satisfeito em lhe socorrer na miséria, lhe dava o pão da vida, a riqueza da inteligência e da moral.

Há alguns anos me foi recomendada uma pessoa reduzida à extrema miséria, expropriada violentamente de sua casa e lançada à rua, sem recursos, com mulher e filhos. Eu me fiz, junto ao mestre, o intérprete desses infelizes, e, no mesmo instante, sem pedir para conhecê-los, sem inquirir de suas crenças (eles não eram espíritas), ele me forneceu recursos para tirá-los da miséria, o que lhes evitou o suicídio, pois que eles haviam resolvido evadir-se do fardo da vida (que, para alma desencorajada, se tornara muito pesado).

Finalmente, permiti-me contar-vos ainda o fato a seguir, em que a generosidade de Kardec rivaliza com a sua delicadeza.

Certo espírita, que habitava uma aldeia situada a vinte léguas de Paris, tinha rogado a Allan Kardec lhe desse a honra de uma visita, a fim de assistir às manifestações espíritas que com ele se processavam.

Sempre pronto quando se tratasse de prestar algum serviço e tendo por princípio que o Espiritismo e os espíritas tudo devem aos humildes e aos pequenos, sem demora ele partiu, acompanhado de alguns amigos e da senhora Allan Kardec, sua querida companheira.

Não foi perdida a sua ida, porque as manifestações que testemunhou foram verdadeiramente notáveis; mas, durante a sua curta estada ali, seu hospedeiro foi cruelmente afligido pela perda súbita de uma parte de seus recursos. Todos, consternados, dissimulavam sua desolação, tanto quanto possível. Entretanto, a nova do desastre chegou aos ouvidos de Allan Kardec, que, no momento de sua partida, informando-se da cifra aproximada das perdas sofridas pelo amigo, remeteu ao “maire” uma quantia mais que suficiente para restabelecer o equilíbrio da situação de seu hospedeiro. Este só foi notificado da intervenção do seu benfeitor após a partida dele.

Não mais pararia eu de falar, se tivesse necessidade de vos lembrar os milhares de fatos deste gênero, conhecidos somente por aqueles que por Allan Kardec foram socorridos; não amparava apenas a miséria, levantava, também, com palavras confortadoras, o moral abatido. Jamais, porém, sua mão esquerda soube o que dava a direita.

Antes de terminar, não posso resistir ao desejo de dar-vos a conhecer esta última passagem:

Uma tarde, uma pessoa de minhas relações, que passava por cruel provação, guardando aos olhos de todos suas privações, recebeu uma carta fechada que continha recursos suficientes para auxiliá-la a sair de sua crítica posição, acompanhados aqueles destas simples palavras: “Da parte dos bons Espíritos”. Do mesmo modo que a bondade do mestre lhe descobrira o infortúnio, meu amigo, guiado por alguns indícios e pela voz do coração, cedo reconheceu seu anônimo benfeitor.

Eis, portanto, o coração desse filósofo desconhecido durante a sua vida! E, na verdade, quem mais do que ele, tão bom, tão nobre, tão grande em suas palavras quanto em suas ações, foi alvo da injúria e da calúnia?

Todavia, não tinha inimigos, senão os que totalmente o desconheciam; porque os que participavam de suas opiniões filosóficas eram forçados a render homenagem à sua sinceridade e ao seu completo desinteresse.

Seus críticos, que dele não conheceram senão a sua bandeira, procuraram perdê-lo na opinião pública, sem ao menos investigarem se os boatos que espalhavam tinham algum fundamento; porém, ele sustentava a sua bandeira tão alto e tão firme, que nenhum descrédito

pôde atingi-lo e a lama com que o queriam cobrir não enlameou senão as mãos dos panfletários.

Caro mestre, nobre Espírito, paira, na sua majestade, sobre aqueles que te amam e respeitam! Não os deixe sem a tua intervenção caridosa e protetora! Comunica à alma deles o fogo sagrado que te anima, e assim, profundamente convencidos dos imortais princípios que professaste, marchem eles nas tuas pegadas, imitando-te as virtudes! Fazei reinar entre nós a concórdia, o amor e a paz, a fim de que a ti nos possamos reunir quando a hora da libertação soar igualmente para nós!

Conclusão

Substituir a fé cega em uma vida futura, pela certeza inabalável, resultante de verificações científicas, eis o inestimável serviço prestado por Allan Kardec à Humanidade. Introduzir a luz da observação e mesmo da experimentação, em domínio até então reservado às obscuras e intermináveis discussões filosóficas, era fazer obra de mestre, era quebrar as velhas molas do pensamento, injetar sangue novo no antigo espiritualismo, renovar a Psicologia, indicando-lhe outro caminho mais fecundo, e preparar a mais rica colheita de novos conhecimentos de que se tem notícia nesses dois mil anos.

Semelhante revolução intelectual provoca sempre tempestades. O Espiritismo foi combatido por numerosos adversários, por estar em oposição a quase todas as opiniões reinantes, pois que suas experiências demonstram a falsidade das teorias materialistas, a insuficiência dos sistemas espiritualistas, que desconhecem a verdadeira natureza da alma, e os erros dos ensinamentos religiosos relativos à origem e ao destino do princípio pensante. Prodigalizaram-lhe também insultos, zombarias, anátemas. Mas, levado pela irresistível força oriunda da observação

científica, o Espiritismo despreza os ultrajes e, respondendo com fatos aos sofismas de seus contraditores, lança por terra os obstáculos acumulados em trajetória, e dia a dia conquista novos adeptos nas próprias fileiras de seus adversários. Quando inteligências como as de William Crookes, Russel Wallace, Oliver Lodge, F. Zolner, Cesare Lombroso, F. Myers, Richard Hodgson, Paul Gibier, Ernesto Bozzano, Camille Flammarion se vêm obrigadas a reconhecer a incontestável realidade das relações entre vivos e mortos, a gente se sente em boa companhia e, assim, nem as calúnias, nem os clamores rancorosos dos detratores da nova verdade serão capazes de impedir-lhe o triunfo definitivo.

A verdade é que o túmulo deixou de nos causar horror, porque ele é agora a porta que se abre para um mundo novo onde a vida é mais suave que a daqui. A alma humana, em resposta aos negadores da sobrevivência, se revela após a morte com a mesma atividade que tivera na Terra, mostrando-se, até, na chapa fotográfica a esses doutores que jamais conseguiram encontrá-la sob os seus escalpelos. Extraordinário prodígio ao reconstituir ela, temporariamente, um corpo físico semelhante ao que possuía na vida terrena, e esta corporificação momentânea é o mais peremptório argumento susceptível de destruir os erros grosseiros do materialismo. A comunhão constante com a Humanidade desencarnada confirma a nossa imortalidade pessoal e permite-nos, outrossim conhecer, sem vacilação, a verdadeira natureza da alma, levantando-se uma ponta do véu que ocultava sua origem e seus destinos.

Que liberdade e que reconforto para o pensamento humano ao não se sentir mais desalentado pelos dogmas tão terrificantes como os do pecado original e das penas eternas! Que alívio concebemos o Ser

Supremo sem aquelas feições de justiceiro implacável, a condenar ao suplício sem fim as miseráveis e fracas criaturas que somos nós. Felizmente a realidade é mais nobre e mais grandiosa que essas sombrias invenções da Teologia. A sorte da nossa eternidade futura não se decide nos curtos instantes de uma vida terrestre, ondulação mal perceptível no imenso oceano das idades.

A lei de evolução do princípio espiritual, cuja execução se processa por vias sucessivas, permite-nos compreender o motivo das desigualdades morais e intelectuais que separam os filhos de um mesmo pai, a razão da existência, no mesmo globo, de selvagens e povos civilizados, de idiotas ao lado de gênios que são a glória da nossa raça. É pelos incontestáveis e concordantes testemunhos dos que vivem no espaço que sabemos não existir nem inferno nem paraíso e que somos os únicos artífices do nosso futuro. E lentamente, através de esforço ininterrupto, que desenvolvemos nosso ser espiritual, que ampliamos nossa inteligência, que penetram em nós os sentimentos do justo, do belo, do bem, e desaparecem os obscuros instintos do egoísmo, das paixões, das iniquidades e dos vícios, para darem lugar ao sentimento de fraternidade que nos aproxima desta causa primária que é toda Amor.

Allan Kardec, através de suas conversas com os Espíritos, não só deduziu toda essa nobre doutrina filosófica, senão que sua atenção foi ainda atraída para as manifestações extra-corpóreas da alma encarnada. O mestre de Lyon conheceu todos os fenômenos psíquicos, rotulados hoje com novos nomes e, classificando-os, determinou-lhe as causas. A transmissão do pensamento que, com o nome de Telepatia, obteve grande repercussão nos nossos dias, foi estudada em O Livro dos Espíritos e em A Gênese. A possibilidade do desdobramento do ser humano está indicada em O Livro dos Médiuns, com provas suficientes,

e os casos muito interessantes de clarividência que se verificaram no passado, no presente e que se apreciarão no futuro, foram longamente descritos na Revue Spirite.

É ainda a Allan Kardec que devemos as primeiras e precisas noções a respeito do perispírito, corpo inseparável da alma. Inumeráveis observações, feitas sobre as aparições de vivos e de mortos, afirmam, de maneira categórica, a sua existência.

O conhecimento desse organismo suprafisiológico faz do Espiritismo uma doutrina original, distinguindo-o nitidamente do espiritualismo religioso ou filosófico. O princípio inteligente não é mais uma abstração ideal, vaga entidade incorpórea; é um ser concreto, possuidor de sentidos especiais apropriados ao meio em que é chamado a viver após a sua partida da Terra, isto é, no Espaço. Certas faculdades superiores da alma, tais como a telepatia e a clarividência têm, evidentemente, a sua sede fora do cérebro, de vez que este é estranho às suas manifestações. Provavelmente é no perispírito que vamos encontrar suas condições de existência, pois que se faz preciso a emancipação da alma para que elas se exerçam.

Quanto mais estudarmos esse organismo superior, melhor lhe compreenderemos a importância para explicar certo número de problemas biológicos. A experimentação espírita tem uma utilidade de primeira ordem nesse particular, porquanto se torna indispensável submeter a exame científico a natureza e as propriedades deste corpo fluídico, para melhor lhe apreciarmos a ação durante a vida e após a morte.

As materializações dos Espíritos são fenômenos que põem em evidência esse mecanismo perispiritual que dá à alma o poder de se

apresentar diante de nós com os atributos anatômicos e fisiológicos da criatura terrestre. Se um Ser dos Espaços é capaz de reconstituir momentaneamente a forma típica que tivera na Terra — recebendo do médium parte ponderável de sua substância (o ectoplasma) não será descabido supormos que a alma opera de maneira idêntica no nascimento, porém, lentamente, segundo as leis da gestação, para que sua união com o corpo material seja durável. O ensino dos Espíritos, nesse ponto, está em concordância com a opinião de Claude Bernard¹⁵, que claramente viu que a construção, a manutenção e a reparação de um organismo vivo não revelam leis físico-químicas.

“Vemos — afirma ele — aparecer na evolução do embrião um simples esboço do Ser antes de qualquer organização. Os contornos do corpo e os órgãos do ser permanecem detidos a princípio, iniciando-se as bases orgânicas provisórias que servirão de aparelhos funcionais temporários do feto. Ainda não se distingue nenhum tecido. Toda a massa se constitui apenas de células plasmáticas e embrionárias. Mas neste bosquejo vital, está traçado o desenho ideal de um organismo ainda invisível para nós, que assinala a cada parte e a cada elemento seu lugar, sua estrutura e suas propriedades”.

E, mais adiante, o ilustre fisiologista precisa ainda seu pensamento nestes termos:

“O que é essencialmente do domínio da vida é que não pertence nem à Física, nem à Química, nem a coisa nenhuma, é a idéia diretriz

¹⁵ Claude Bernard: fisiologista francês (1813-1878), fundador da medicina experimental, teve, por suas idéias e seus métodos, influência considerável no domínio da pesquisa científica. Sua obra capital **Introduction à l'Étude de la Médecine Experimentale**.

desta ação vital. Em todo o gérmen vivo há uma idéia diretriz que se desenvolve e se manifesta pela organização. Durante toda a sua duração o Ser fica sob a influência dessa mesma força vital criadora, e a morte chega quando ela não se pode realizar... é sempre a mesma idéia que conserva o Ser, reconstituindo as partes vivas, desorganizadas pelo exercício ou destruídas por acidentes ou enfermidades”.

Nós que sabemos por experiência que a alma sobrevive à morte, que a vemos reedificar, temporariamente, o corpo anatomicamente semelhante àquele que possuía na Terra, estamos autorizados a supor que o perispírito, sob a influência do Espírito, contém a idéia diretriz que preside à edificação do corpo físico, de vez que o perispírito possui ainda este poder de reconstrução após a morte.

Não é tudo. Se a alma é o arquiteto de seu envoltório terrestre, possível será tirar-se desse fato uma confirmação da lei de reencarnação. Se é exato que o fato resume, nas primeiras semanas de vida intra-uterina, todas as etapas percorridas pelos seres vivos depois da célula inicial; se, além disso, temos ainda em nós órgãos atrofiados, vestígios dos que foram úteis aos nossos ancestrais, deve-se concluir que o perispírito, que responde por essas formas desaparecidas e que aperfeiçoa e modela a matéria, passou, outrora, pelas organizações inferiores onde elas existiram; pois que, sem isso, ele, o perispírito, não poderia engendrá-los. Seguindo essa direção, os Espíritos poderão encontrar, no estudo do ser humano, novas provas desta grande e magnífica verdade das vidas sucessivas, que já possui em seu ativo toda uma coleção de fatos relativos às recordações de existências anteriores, ou à predição de reencarnações que mais tarde se verificam tais como anunciadas.

Os fatos espíritas receberam a consagração do tempo, resistiram a todos os métodos críticos a que foram submetidos, e, em nossos dias, com a evolução operada nas teorias científicas, vêmo-las convergir para as que Allan Kardec e os Espíritos sempre ensinaram.